

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E FILOSOFIA
CURSO DE PEDAGOGIA

ROSÁLIA MENDONÇA DUTRA

A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNOS: uma análise do processo de ensino-aprendizagem de uma escola pública municipal de São Luís do Maranhão no quinto ano do ensino fundamental.

São Luís
2019

ROSÁLIA MENDONÇA DUTRA

A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNOS: uma análise do processo de ensino-aprendizagem de uma escola pública municipal de São Luís do Maranhão no quinto ano do ensino fundamental.

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, da Universidade Estadual do Maranhão, para obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Ma. Suely Sousa Lima da Silva

São Luís
2019

ROSÁLIA MENDONÇA DUTRA

A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNOS: uma análise do processo de ensino-aprendizagem de uma escola pública municipal de São Luís do Maranhão no quinto ano do ensino fundamental.

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão, para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/____

Profa. Ma. Suely Sousa Lima da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual do Maranhão

Examinador 1
Universidade Estadual do Maranhão

Examinador 2
Universidade Estadual do Maranhão

Ao meu esposo Josué, agradeço pelo seu equilíbrio e paciência. Aos meus queridos filhos Igor e Jessica; aos meus netos Alice, Apolo e Helena; e a minha mãe Auristela, que são os meus maiores tesouros e a razão da minha vida. Ao meu pai Abelardo e meu irmão Amarildo (*in memoriam*). E em especial a minha prima Altina Cidreira, primeira impulsionadora na vida escolar e a Letícia, amiga sempre disposta em ajudar. Além das colegas e amigas de vida Célia, Lauzina e Lucinete, e também a nova família de meus filhos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela benção da vida. A minha mãe, mesmo sem ter conhecimento do fato, na sua inocência tem ajudado muito, pelo grande amor que a mim é dispensado. Ao meu esposo, pela colaboração e companheirismo há trinta anos, e aos meus filhos, netos e amigos que sempre ficam felizes pelas minhas escolhas. Ao meu pai e ao meu irmão (*in memoriam*), e aos demais irmãos que sempre confiaram em mim. Agradeço imensamente as irmãs em Cristo, pelo incentivo e alegria que elas ficam pela minha coragem e perseverança. Ao meu pastor e a sua esposa, pela compreensão.

Agradeço a Lauzina, Célia e Lucinete, minhas amigas há mais de trinta anos, que torcem muito por mim pela conquista deste sonho. Às colegas de turma da academia, pela atenção e respeito que a mim foram dispensados; aos professores pela oportunidade de convivência saudável por esses quatro anos e pelo aprendizado em cada disciplina.

Em especial, agradeço a minha orientadora, Profa. Suely da Silva, e também a Profa. Maria José Fiquene, dispostas a sempre me ouvir e sempre com palavras de incentivo. A minha amiga Letícia, um agradecimento especial, pela paciência e disponibilidade de ajuda quanto aos trabalhos.

Não posso esquecer jamais da prima e professora Altina Cidreira, pelo seu grande incentivo e zelo que sempre teve por mim, pela oportunidade dos estudos, quando tinha doze anos, este sendo o meu primeiro e grande impulso na vida escolar.

E as demais amigas e primas que de alguma forma me ajudaram nesta caminhada, a todos os professores e professoras que passaram pela minha vida, cada um ajudando de maneira específica, deixo aqui meu muito obrigado a todos e a todas que se fizeram presente nesta caminhada tão prazerosa, mas também difícil, o qual hoje recolhe os frutos mais saborosos que existem, o conhecimento e as vitórias alcançadas por meio da Educação, um caminho maravilhoso a seguir. Agradeço grandemente a banca avaliadora.

Até mais! Vou só dá uma volta.

Um grande abraço!

“Não permita que o que você não pode fazer interfira no que você pode fazer”.

John Wooden

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso está pautado na abordagem qualitativa, pesquisa de campo e estudo de caso, na perspectiva de obter resultados sobre a afetividade na relação professor-aluno, e sua influência na aprendizagem, em uma escola pública municipal de São Luís-MA, em uma turma do quinto ano do ensino fundamental. Dessa forma, busca-se entender como a afetividade se configura durante o processo de ensino e aprendizagem, na relação entre professor e alunos; e com vistas à sua relevância e como esse fenômeno tem proporcionado e impactado a sociedade e os sujeitos, a partir de autores como Jean Piaget (2014), Henri Wallon, sob análise de Laurinda Ramalho de Almeida e Abigail Alvarenga Mahoney (2007), e além dos escritos de Ana Rita Almeida (1999); Vygotsky, com o processo de aprendizagem sócio-histórico, sob análise de Marta Kohl (2019); Nelson Piletti (1999), com estrutura e funcionamento do ensino fundamental; e Laura Barbosa (2006). Ademais, os documentos que direcionam a educação, como por exemplo: Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (BRASIL, 1998), Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997) e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017). A afetividade no campo educacional é de grande valia, no sentido das emoções dos sujeitos estarem envolvidos, além de se constituir como uma das dimensões do ser humano. Na escola, defrontam-se pessoas de diversas particularidades e culturas sobre o modo de agir, pensar e sentir; e na sala de aula, é o professor que possui maior contato com essas diversidades, visto que precisam ser enfrentadas por ele com diálogo e equilíbrio, para que aconteça efetivamente a aprendizagem. Nesta pesquisa obtiveram-se resultados positivos que respondeu com êxito a pesquisa proposta em que, a afetividade realmente é um fator indispensável na relação professor e alunos a qual facilita o aprendizado.

Palavras-Chave: Afetividade. Cognição. Relação Professor-Aluno. Ensino-Aprendizagem.

ABSTRACT

This paper is based on qualitative approach, field research and case study, with the perspective of obtaining results on the affectivity in the teacher-student relationship, and its influence on learning in a municipal public school in São Luís-MA, in a fifth grade elementary school class. Thus, we seek to understand how the affectivity is configured during the teaching and learning process, in the relationship between teacher and students; and with a view to its relevance and how this phenomenon has provided and impacted society and the subjects. From authors such as Jean Piaget (2014), Henri Wallon, under the analysis of Laurinda Ramalho de Almeida and Abigail Alvarenga Mahoney (2007), as well as the writings of Ana Rita Almeida (1999); Vygotsky, with the process of historical, under the analysis of Marta Kohl (2019); Nelson Piletti (1999), with structure and functioning of elementary school; and Laura Barbosa (2006). In addition, the documents that guide education, such as: Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI (BRASIL, 1998), Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1997) and the Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017). The affectivity in the educational field is of great value, in the sense that the emotions of the subjects are involved, besides constituting as one of the dimensions of the human being. At school, people are confronted with diverse backgrounds and cultures about the way they act, think and feel; and in the classroom, it is the teacher who has the greatest contact with these diversities, since they need to be faced by him with dialogue and balance, so that learning can happen effectively. In this research, positive results were obtained, which successfully answered the proposed research in which, affectivity really is an indispensable factor in the teacher-student relationship which facilitates learning.

Keywords: Affectivity. Cognition. Teacher-Student relationship. Teaching-learning process.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Percepção dos sentimentos dos alunos pela professora	56
Figura 2 – Disciplina Favorira	58
Figura 3 – Interação entre os colegas.....	59
Figura 4 – Comportamento da professora que os alunos gostam	60
Figura 5 – Percepção dos sentimentos despertados em sala de aula pelos alunos.....	61
Figura 6 – Sentimentos frequentes em sala de aula.....	62
Figura 7 – Momento em que os sentimentos foram despertados	63

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	CONCEITO E CONTEXTO HISTÓRICO DA AFETIVIDADE	15
	2.1 Conceitos de afetividade	16
	2.2 Concepções de afetividade nos séculos XVII e XVIII.....	27
	2.3 Processos de aprendizagem a partir da abordagem sócio-histórica de Vygotsky ..	30
	2.4 Pensando a relação da emoção e da aprendizagem a partir de Henri Wallon.....	32
3	AS RELAÇÕES AFETIVAS NO CONTEXTO ESCOLAR.....	36
	3.1 Afetividade e aprendizagem.....	38
	3.2 Afetividade e motivação dos alunos	41
	3.3 A formação afetiva do professor: uma necessidade.....	43
4	METODOLOGIA.....	46
5	RESULTADOS E ANÁLISES DA PESQUISA.....	48
	5.1 Conhecendo a professora	48
	5.1.1 Observações sobre a professora.....	49
	5.1.2 Entrevista à professora.....	51
	5.2 Conhecendo o aluno.....	55
	5.2.1 Questionário aberto aos alunos	55
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
	REFERÊNCIAS	69
	APÊNDICE 01 – Roteiro de entrevista para a professora.....	72
	APÊNDICE 02 – Questionário aberto para os alunos	73

1 INTRODUÇÃO

A dimensão da afetividade no campo educacional é inovadora e muito importante, cuja investigação é recente e pouco explorada, em que tange sua relevância no contexto social. Essa dimensão tem impulsionado o processo de ensino-aprendizagem, com perspectivas de ações práticas pedagógicas envolvendo a comunidade escolar, tendo em vista o relacionamento harmonioso, de respeito mútuo, contribuindo para a motivação nas relações humanas.

Considera-se a afetividade como fonte intensa que estimula o interesse nas relações de convivência, especificamente dos sujeitos em sala de aula, com foco no envolvimento, com a empatia, no intuito de ressignificar o contexto escolar, no que diz respeito às questões do processo de aprendizagem. Viabilizando uma possível inteligência emocional, que, segundo Paulo Vieira (2017), é mais importante do que a cognição, a intelectualidade e o conhecimento. Vieira constatou, após experiências com alunos, que a partir da aplicação da autorresponsabilidade, obtivera ganhos incontestáveis.

Nesse contexto, entende-se que mesmo que o sujeito da ação possua muitas capacidades e desenvolva várias habilidades, se não for equilibrado emocionalmente, não possui sensibilidade de colocar-se no lugar do outro. Assim, não perceber o outro em suas especificidades e não ter a sensibilidade de conhecer o que o outro pensa e sente fica muito aquém do relacionamento saudável, cuja inteligência emocional vem facilitar para a vinculação com o outro. Dessa forma, se quisermos ter uma vida equilibrada é preciso tratar o emocional, pois as emoções se bem conduzidas, podem render ganhos preciosos na tomada de decisões, considerando as tonicidades, as quais precisam ser percebidas, para serem praticadas com maturidade.

Estudos existentes sobre a inteligência emocional revelam a sua importância para o pleno desenvolvimento. Vieira (2017) comenta que essa está ligada à felicidade- e que ser feliz é ter facilidade de exercer a empatia-, ou seja, possuir sensibilidade de colocar-se no lugar do outro e assim sendo impulsionado a conectar-se de forma prazerosa consigo e com o outro, desenvolvendo aptidões emotivas, as quais são tão importantes quanto às funções cognitivas, possibilitando a solução de muitos conflitos nas relações pessoais e sociais.

No processo de ensino e aprendizagem é de suma relevância considerar os sentimentos, as emoções, os aspectos da motricidade e o fator cognitivo como dimensões que se complementam na aquisição de conhecimentos. Ponderando para além da dimensão cognitiva, estimula-se a construção da identidade psicossocial e o aumento da capacidade de

interação de forma global e significativa. Tal dimensão afetiva deve, também, estar contemplada em sala de aula entre educador e educando, não apenas como ainda se faz presente na escolarização, de um modelo que se resume à dimensão cognitiva.

A afetividade torna-se uma ferramenta de apoio à prática educativa, considerando as crianças, os adolescentes, jovens e adultos como sujeitos de aprendizagens que precisam se desenvolver em plenitude (dimensão afetiva, cognitiva, motora). Estas estão interligadas para o crescimento pessoal e social, com equilíbrio e maturação na resolução de problemas, ou seja, maturidade afetiva e psicológica, tornando-as pessoas resilientes na tomada de decisões.

Os estudos sobre a afetividade têm como intuito a compreensão de como ela impulsiona o processo de aprendizagem do sujeito, com vistas na troca de conhecimentos, em que professor e alunos interagem na construção do saber.

A afetividade acompanha as pessoas desde seu nascimento, até o último momento de existência. Com o nascimento do bebê, ele já é acolhido pela mãe, pelo pai, pelos familiares, começando a construção desse relacionamento afetivo, por meio da alimentação, do primeiro contato. A afetividade já se mostra nessa interação, nos momentos posteriores, a relação da criança com os familiares vai se alargando, pelo olhar, pelo sorriso, pelo choro, toque, pelas expressões faciais, pelo movimento. Portanto, o afeto se faz de suma importância no desenvolvimento da pessoa, e o não acolhimento dessa criança pode desencadear problemas sérios para a vida toda cujo desenvolvimento ficará comprometido.

Para esse desenvolvimento acontecer em sua plenitude, a afetividade deve se fazer presente em sala de aula. Com a atenção do professor, o acolhimento do aluno, a motivação, o olhar mais carinhoso, a expressão facial positiva e empatia, isso se torna possível. Inseridas essas atitudes no relacionamento em sala de aula, entre professor/aluno, ambos ficarão mais tranquilos, menos ansiosos, mais felizes, e com respeito mútuo, com atitudes cordiais uns com os outros; e ao professor, ao receber esse afeto sentirá mais estímulo para a sua profissão.

O ensino e a aprendizagem são construções feitas entre professor e alunos, essa transformação precisa ser de forma mais prazerosa e harmônica em que docentes e discentes estão predispostos em construir respeito mútuo. Dessa forma, a relação professor/aluno torna-se mais benéficas.

Na concepção de Wallon, sob o olhar de Almeida e Mahoney (2007), a afetividade desenvolve-se de acordo com os seguintes estágios: impulso-emocional, sensório-motor, projetivo, personalismo, estágio categorial. Essas etapas de desenvolvimento vão possibilitando maturidade à pessoa.

Na escola não pode ser diferente, o afeto deve estar presente, porque o desenvolvimento dessas crianças acontece de maneira integral, e a aprendizagem ocorre na combinação desses vários fatores. Além disso, as crianças estão chegando à escola cada vez mais cedo, tornando-as mais carecidas de acolhimento, da aceitabilidade, da empatia, para continuar uma progressão contínua de desenvolvimento.

Nessa perspectiva, a afetividade é um fator preponderante, que precisa de aprofundamento para que de fato se possa fazer um juízo de valor entorno da sua relevância na aquisição dos conhecimentos, se a mesma, tem impulsionado ou não o ensino e aprendizagem e se facilita os relacionamentos escolares e extraescolares. Em virtude disso, a pesquisa baseou-se nas concepções de teóricos renomados.

Este estudo baseou-se nas problemáticas existentes no ambiente escolar, especificamente nas relações entre professor e alunos em sala de aula. Sabendo-se que os relacionamentos sociais são emblemáticos, haja vista que esse relacionamento entre professor/aluno é um caminho preciso para o processo educativo, ressaltamos que se faz necessário uma construção harmoniosa de espaço para o convívio. Para tanto, o referido trabalho de pesquisa mostrará o fenômeno afetividade, sua implicação na aprendizagem e a relação que ela tem entre professor/aluno em sala de aula observada (na escola escolhida para o estudo).

Por vivenciar situações emblemáticas em sala de aula na própria academia, percebendo momentos tensos e de conflitos entre professores/alunos, despertou-se o interesse de pesquisar a referida temática. Até que ponto a afetividade influencia na relação professor/alunos e, conseqüentemente, no processo de ensino e aprendizagem? Que tipo de relacionamento se faz presente nos anos iniciais do ensino fundamental, e, como esse relacionamento tem interferido no processo de aprendizagem?

Os objetivos aqui propostos foram: no geral, analisar a afetividade na relação professor e alunos nos anos iniciais do ensino fundamental na escola pública municipal de São Luís do Maranhão, tendo em vista a importância no processo de aprendizagem; como objetivos específicos perceber as sensações despertadas pelos alunos, a partir de sua relação com os docentes em sala de aula; averiguar a importância da afetividade na aprendizagem dos estudantes em sala de aula e sua relevância no cotidiano escolar, além de relatar, a partir da pesquisa de campo, as relações e os vínculos afetivos estabelecidos entre professor e alunos, respondendo a questionamentos e inquietações feitas no levantamento da temática.

Para este trabalho, a metodologia deu-se por meio de uma pesquisa qualitativa, e também bibliográfica, reunindo os enunciados dos teóricos que fundamentam a mesma.

Sendo, portanto, uma pesquisa de campo, tendo como universo da pesquisa uma escola pública da rede municipal, com 10 alunos e uma professora do 5º ano fundamental¹, priorizando o estudo de caso, com foco na relação entre professor/alunos em sala de aula, abordando o fenômeno afetividade, utilizando a técnica do questionário de perfil e a entrevista direcionada à professora, bem como por meio de questionário semiestruturado para os alunos.

O trabalho está organizado da seguinte maneira: no primeiro momento foram registradas as concepções sobre a temática, utilizando os teóricos que abordam a dimensão da afetividade. Em sequência, apresentamos a ida a campo, onde foram feitas observações, e recolhimento das informações da entrevista e do questionário de perfil feito para a professora. Além disso, a coleta de dados, por meio dos questionários respondidos pelos alunos e as observações em sala de aula. Posteriormente, foram analisados os dados colhidos tanto da entrevista com a professora, bem como o questionário semiestruturado com os alunos, e também, as observações realizadas durante os meses de maio e junho de 2019; por fim, as considerações e os anexos da pesquisa.

O trabalho em si encontra-se dividido em seis capítulos, em que o primeiro capítulo discorre sobre a temática, tratando de concepções de alguns teóricos, trazendo uma reflexão sobre o tema, o segundo capítulo traz em seu bojo conceitos e contexto histórico do tema em debate, subdividindo-se em tópicos: que fomentam sobre conceitos de afetividade nos séculos XVII e XVIII, como também, o processo de aprendizagem a partir de da abordagem sócio-histórica de Vygotsky, e a relação da emoção e da aprendizagem a partir de Henri Wallon.

O terceiro capítulo traça as relações afetivas no contexto escolar, subdividindo-se em três subtópicos como: Afetividade e aprendizagem, afetividade e motivação dos alunos e a formação afetiva do professor: uma necessidade. Em sequência no quarto capítulo discorre sobre a metodologia, e posteriormente no quinto capítulo resultados e análises da referida pesquisa e finalizando com as considerações, referências e apêndice.

Esta é uma pesquisa com um tema bastante subjetivo, que precisou além de dados para análise, a observação para reflexão e entendimento respondendo com êxito as questões norteadoras. Ressaltamos que pesquisas das práticas pedagógicas estão sempre sujeitas a novos questionamentos que auxiliem professores e alunos na compreensão de um tema bastante relevante no processo de ensino-aprendizagem.

¹ Os sujeitos envolvidos na pesquisa aconteceram a partir do convívio enquanto estagiária, mediante o componente curricular Estágio Supervisionado dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, realizado durante o primeiro semestre de 2019, pelo curso de Pedagogia da UEMA.

Ampliamos a compreensão sobre o referido fenômeno, ao consultar as obras de Henri Wallon, através das pesquisadoras Almeida e Mahoney (2007) e Almeida (1999); bem como de trabalhos de Piaget (2014), Vygotsky (2013), Piletti (1999) e demais pensadores da temática.

A pesquisa de campo e as observações em sala, na perspectiva de compreender melhor como acontecem os relacionamentos e qual a qualidade desses relacionamentos em sala e suas possíveis consequências para o futuro do aluno. Esta pesquisa mostra preocupação em como pedagogos têm se comportado, de que modo os relacionamentos estão sendo vivenciados na escola; e como os alunos estão sendo formados a partir dessas relações. Por fim, preocupa-se como essa formação pode facilitar a vida das pessoas para o futuro.

Pensamos, na oportunidade, repensar a educação para novos tempos, com identidades em transição, com alunos construindo novos perfis políticos, e socioeconômicos em que a informação precisa ser filtrada para obtenção de conhecimento, em uma era globalizada, que tende a modificar o comportamento humano. Enquanto pedagogos, estarmos atentos a essa nova perspectiva social e é necessário que a escola precisa se adequar a nova era com habilidades/competências e inovação em educação, pois só educação poderá conduzir o aluno ao desenvolvimento e crescimento, com perspectivas críticas e reflexivas.

Portanto, essa abordagem é bastante pertinente para ser discutida e refletida na escola e fora dela, uma vez que os relacionamentos acontecem em todos os lugares onde o ser humano está sempre aberto à aprendizagem.

2 CONCEITO E CONTEXTO HISTÓRICO DA AFETIVIDADE

Para adentrar no contexto histórico da Afetividade, buscou-se reunir dados dos teóricos que fundamentam esta pesquisa, elencando como principais: as análises de Almeida e Mahoney das concepções em Wallon (2007), e também de outros estudiosos usaram dessa mesma fonte; Jean Piaget (2014); Vygotsky, à luz de Silva (2013); e a também colaboração de Nelson Piletti (1999), com seus escritos em *Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental*, ao tratar de temas que são também concomitantes à afetividade.

Dessa maneira, pretende-se traçar um resumo quanto a vida desses teóricos que fundamentaram este estudo, a começar com Henri Wallon, nascido na França em 1879, tornou-se filósofo, aos 23 anos, médico e, mais tarde, psicólogo; este último o fez aproximar-se da Educação. Vivenciou as duas grandes guerras mundiais (1914-1918) e (1939 a 1945), viu o fascismo e as revoluções. Em 1914, atuou como médico do exército francês. Em contato com lesões cerebrais de ex-combatentes, refez sua posição neurológica, a partir de trabalhos com crianças com deficiências. Atuou como médico e psiquiatra até 1931, conferindo interesse pela psicologia da criança.

Na Segunda Guerra, tendo resistido aos alemães, viveu na clandestinidade. De 1920 a 1939, fora responsável por conferências na Sorbonne e demais instituições superiores, sobre psicologia da criança. Publica sua tese de doutorado em 1925 (*A Criança Turbulenta*), funda um laboratório para pesquisa e faz atendimento a crianças com deficiências. Começa uma produção de livros, todos voltados para a psicologia da criança. Em 1931, vai para Moscou, e passa integrar novo grupo de intelectuais, aprofundando o estudo do materialismo dialético. Em 1948, cria a *Revista Ênfase*, e, depois, em 1962, falece aos 83 anos (ALMEIDA, 1999).

Em seguida, Jean Piaget, renomado teórico, nascido em 9 de agosto de 1896, em Neuchâte, Suíça, autor de mais de 50 livros, 500 artigos, de reconhecimento internacional, fundador da epistemologia genética, elaborou uma teoria do conhecimento com base no estudo da gênese do pensamento humano. Seu primeiro livro, escrito em 1923, de psicologia foi *Linguagem e Pensamento na Criança*; em 1950, publica *Introdução à Epistemologia Genética*, em 1976, apresenta *Equilibração das Estruturas Cognitivas* perante um júri Internacional e interdisciplinar.

Piaget foi um verdadeiro precursor na exploração do mundo da criança, tendo grande influência na filosofia e na psicologia infantil, traçando a gênese do surgimento da inteligência, analisando as estruturas do pensamento e do julgamento moral dos infantes, um

notório pesquisador e médico. Piaget foi um homem de ciências humanas, aprofundando-se em filosofia e psicologia infantil, com influência sobre educação. Foi um especialista em psicologia genética. Trabalhou como psicanalista, embora, sempre tivesse sido apaixonado pela educação.

Piaget durante a vida não se considerava um educador, embora nos dias atuais, pode ser considerado um ícone da Educação. Ele era cientista, psicólogo e epistemólogo, que procurava, no processo de adaptação, as estruturas do conhecimento, criando uma verdadeira Teoria do Conhecimento ou Epistemologia, como destaca Colinviaux (20--?). Faleceu em 16 de setembro em Genebra, em 1980.

Por fim, sobre Vygotsky, nascido em 17 de novembro de 1896, em Orsha, Bielorrússia; foi um professor e pesquisador, e estudou em Moscou até se tornar professor de literatura. A partir de 1924, passou a se dedicar à psicologia evolutiva, educação e psicopatologia. O mesmo se definia como sócio-interacionista, destacando contribuições da cultura, da interação social e a dimensão histórica do desenvolvimento mental em suas teorias. Contraiu tuberculose, falecendo na Rússia, em 1934 (PEDAGOGIA..., 20--?).

2.1 Conceitos de afetividade

Inicialmente, para compreensão da dimensão da afetividade e sua relação entre professor e alunos, tanto quanto sua influência na aprendizagem é necessária que conheçamos seus conceitos; seja no dicionário, na literatura ou na filosofia. As concepções feitas pelos teóricos consultados para a fundamentação deste trabalho foram elencadas como principais: Wallon, à luz de Almeida (1999); Almeida e Mahoney (2007); Piaget (2014); Vygotsky, à luz de Silva (2013), Piletti (1999); e outros teóricos afins.

A concepção de Afetividade no minidicionário de Matos (2005, p. 24), significa “[...] afetuoso, amistoso, amoroso, carinhoso”, ou seja, é relativo ao afeto, à afeição, amizade, amor. Já Piaget e Wallon, em suas concepções vão muito mais além do que uma simples definição, incluindo muito mais elementos a serem refletidos e interpretados. Na literatura, o termo afeto está ligado a: carinho, proteção, bondade, gratidão, etc., e era utilizado pelos filósofos a partir do termo afecção, ao qual decorria da ação referente à mente humana, segundo Silva (2013).

É importante enfatizar a concepção que os teóricos têm em relação a essa dimensão, uma vez que a afetividade vem ainda conferindo um papel secundário na educação. Dessa maneira, o que se observa nas escolas é o cognitivo ter uma atenção mais significativa

do que os aspectos afetivos, e isso precisa mudar, pois, tanto o aspecto afetivo quanto o aspecto cognitivo possuem a mesma importância na formação dos alunos.

A respeito disso, os documentos que direcionam a educação, como exemplo, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997), e, também, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017), abordam a temática da afetividade, que, portanto, precisa ser aprofundada. A afetividade e afeto estão ligados aos fenômenos subjetivos. Na psicologia,

[...] a afetividade é a capacidade individual de experimentar o conjunto de fenômenos afetivos (tendências, emoções, paixões, sentimentos). A afetividade consiste na força exercida por esses fenômenos no caráter de um indivíduo. A afetividade tem papel crucial no processo de aprendizagem do ser humano, porque está presente em todas as áreas da vida, influenciando profundamente o crescimento cognitivo (SIGNIFICADOS, 2013).

Para Silva (2013), entende-se como afeto:

[...] as relações não dominadas pela regência monopólica da paixão. Desta forma define-se afeto como tradutor da bondade, carinho, proteção, apego, gratidão, etc., tomando por análise o termo afecção, que para os filósofos era o resultado de uma ação decorrente de um efeito sobre a mente.

Portanto, a afetividade compreende-se em um tema bastante pertinente de ser delineado para a obtenção de conhecimentos mais aprofundados desse fenômeno tão importante no desenvolvimento do sujeito. De modo semelhante, é bastante desafiador, por ser um assunto ainda pouco explorado.

Por conseguinte, é notório que em uma sociedade com relações complexas, múltiplas e plurais, se faça necessário essa abordagem, principalmente nos relacionamentos entre professor/aluno, em sala de aula. Assim, o objetivo aqui é aprofundar esses conhecimentos relacionados às emoções e sentimentos do alunado e conferir a mesma importância dada à cognição; uma vez que são fenômenos indissociáveis, e o ser em desenvolvimento é pleno e necessita desse estágio de maturação.

Ana Rita Almeida (1999, p. 41-42) explica que a afetividade é, sem dúvida, um tema central nas obras de Wallon, e que:

[...] a sua teoria do desenvolvimento da personalidade, [...]. Na concepção de Wallon, a afetividade tem papel imprescindível no processo de desenvolvimento da personalidade e este, por sua vez, se constitui sob a alternância dos domínios funcionais.

Almeida (1999) salienta, sobre Wallon, que o autor tem uma visão de “síntese”, ou seja, de conjunto ao tematizar as questões emocionais, fazendo uma relação entre a afetividade e a inteligência, deixando claro que há uma ligação entre as duas como uma ponte que faz a conexão entre a vida orgânica e psíquica.

Piaget (2014) defende o desenvolvimento psicológico como única em suas dimensões afetivas e cognitivas. Para o autor, a afetividade vai além das emoções e sentimentos, que compreende também as tendências e as vontades, ou seja, a afetividade visa uma adaptação; as funções afetivas e cognitivas são elementos diferentes, mas, na conduta concreta do indivíduo, elas são indissociáveis, e não há elementos cognitivos sem elementos afetivos, pois, como exemplo, nas formas mais abstratas da inteligência,

[...] os fatores afetivos intervêm sempre. Quando, por exemplo, um aluno resolve um problema de álgebra, ou um matemático descobre um teorema, há, no início, um interesse intrínseco ou extrínseco, uma necessidade; ao longo do trabalho, podem intervir estados de prazer, de decepção, de ardor, sentimento de fadiga, de esforço, de desânimo e outros; no final do trabalho, sentimentos de sucesso ou fracasso; podem juntar a isto, enfim os sentimentos estéticos (na coerência da solução encontrada [...]); na percepção, também acontece o mesmo: seleção perceptiva sentimentos agradáveis ou desagradáveis. (PIAGET, 2014, p. 39-40).

É interessante pontuar que na obra de Piaget (2014), há uma excelente ocasião para desmistificar a ideia que alguns estudiosos têm dele, em relação à afetividade. São enunciados que deixa claro que Piaget também tinha interesse nas relações da afetividade, uma vez que explicita paralelos entre estados cognitivos e afetivos.

Piaget (2014) esclarece que tem interesse pelos aspectos da dimensão afetiva, e coloca de forma bem clara que existe uma constante interação entre as duas dimensões. Tanto a inteligência como a afetividade estão inter-relacionadas, enfatizando em primeiro sentido que a afetividade interfere nas operações cognitivas, estimulando ou complicando o desenvolvimento da inteligência, em um segundo momento, diz que a afetividade intervém nas estruturas da inteligência. O autor continua a fazer inferência sobre afetividade compreendendo, como sentimentos e, em especial, as emoções; incluindo as diversas tendências, principalmente as superiores e, em particular, à vontade. Sobre essa questão, o autor afirma que:

Alguns autores distinguem entre fatores afetivos (emoções e sentimentos) e fatores inatos (tendências e vontade), mas a diferença parece ser somente de grau, Janet fundamenta os sentimentos elementares sobre a economia da conduta e os define como uma regulação de forças, das quais o indivíduo dispõe: pode-se também conceber a vontade como controle dessas regulações elementares (PIAGET, 2014, p.39).

Diante do exposto, observamos uma consonância entre suas definições de afetividade, estabelecendo sobre a dimensão afetiva, concordâncias, concebendo aspectos tanto externos como internos, com influência no fator cognitivo. A afetividade, na concepção walloniana, sob o olhar de Almeida e Mahoney (2007, p.17) é explicada como:

[...] a capacidade, a disposição do ser humano ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis. A teoria apresenta três momentos marcantes, sucessivos, na evolução da afetividade: emoção, sentimento e paixão. Os três resultam de fatores orgânicos e sociais e correspondem a configurações diferentes e resultantes de sua integração: nas emoções, há o predomínio da ativação fisiológica; no sentimento, da ativação representacional; na paixão, da ativação do autocontrole.

Entende-se, diante desta afirmação, que a pessoa tem uma predisposição de receber influências do mundo interno e externo por meio de comportamentos, ou seja, as atitudes humanas são suscetíveis aos acontecimentos sociais por meio de estímulos, por exemplo: quando a pessoa sente medo, existe um comportamento de espanto, sobressalto e que a pessoa reage no impulso sem perceber de fato como isso se deu. Quando sente raiva, os movimentos musculares são tolhidos, ou quando sente afeição por alguém demonstra certa satisfação. Tudo isso tem uma tonicidade agradável ou desagradável, refletindo no comportamento.

Portanto, se a criança for motivada ela aprenderá com mais facilidade do que aquele que não foi motivado. Essa motivação dá-se por meio da interação de professor/aluno, aluno/aluno, isto é, o aluno respeitado, percebido, encorajado, estimulado e o professor satisfeito, respeitado, escutado, são bons motivos para uma aprendizagem mais significativa, visto que no processo da educação não se resume ao professor que ensine e o que aluno aprenda.

Nessa situação de interação, percebe-se que o afetivo e o cognitivo são peças-chaves de conhecimento, reiterando que o afetivo e o cognitivo são inerentes ao desenvolvimento humano. O desenvolvimento da pessoa refere-se ao desenvolvimento mental e ao crescimento orgânico, e o estudo do desenvolvimento humano tem pretensão de descrever, explicar, prever e modificar o comportamento (WALLON, 1979 apud ALMEIDA; MAHONEY, 2007).

O professor precisa ter sensibilidade de perceber que seu aluno necessita ser acolhido, entendido e visto na sua singularidade, pois, depois da família, é a pessoa mais próxima para fazer essa identificação. Nesse sentido, é por meio do diálogo e da escuta que as crianças mostram suas necessidades afetivas, como, da mesma forma, só aprenderá aquilo que

lhe der prazer, chamar sua atenção, significado, e que traga satisfação. Assim, a educação deve seguir essa mesma linha, em que o professor é o mediador dessa ação, e as crianças precisam de uma educação significativa, que faça diferença e que traga motivos para que os mesmos queiram aprender.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (BRASIL, 1998) já sinaliza como um dos princípios norteadores o cuidar, ao atender as necessidades das crianças, tendo compromisso com o outro, com sua singularidade, confiando em suas capacidades, afirmando que, além da dimensão afetiva e relacional do cuidado, é preciso que o professor também possa ajudar a criança e identificar suas necessidades e, então, priorizá-las, assim como atendê-las de forma adequada. Dessa forma, cuidar da criança é, sobretudo, dar atenção a ela como pessoa que está num contínuo crescimento e desenvolvimento, compreensão de sua singularidade e identificando as suas necessidades.

Diante do exposto, notamos que a afetividade também já possui certo espaço a partir dos documentos que direciona a educação. Além do que os teóricos já sinalizam com precisão, com expressividade principalmente na educação infantil por ser o primeiro momento da criança em uma instituição de ensino, mesmo sendo sabedor que a afetividade começa na família, se estende na escola e reflete na sociedade como pontua o documento acima citado.

Dessa forma, nada melhor do que conhecermos mais profundamente essa dimensão, e que esta possa atender positivamente as questões em andamento, firmado na pesquisa, e, conseqüentemente, as necessidades dos educandos. No terceiro objetivo geral do RCNEI (BRASIL, 1998), faz-se uma inferência sobre estabelecer ligações de afetividade com adultos e crianças, para fortalecer a autoestima, com intuito de ampliar possibilidades de comunicação e interação social. Com igual importância, os PCN (BRASIL, 1997, p. 8), no sexto objetivo geral, pontuam para o desenvolvimento integral, uma vez que:

Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetivas, físicas, cognitivas, ética, estética, e de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimentos e no exercício da cidadania.

De acordo com as proposições feitas nos dois documentos que norteiam a educação, observou-se uma necessidade do educador pedagogo conhecer mais a fundo a respeito desse fenômeno chamado afetividade. Isso reafirma a relevância de se aprofundar em uma pesquisa como esta, uma vez que o crescimento e desenvolvimento da criança precisam chegar à sua plenitude, e para tanto, passa pela afetividade, incluindo, emoções, sentimentos,

movimento influenciando o cognitivo, já que todas as dimensões estão interligadas para o desenvolvimento da pessoa.

O documento mais recente, que norteia o currículo educacional brasileiro, a BNCC (BRASIL, 2017, p. 14) traz, em seu contexto, o compromisso com a educação integral, visto que a Educação Básica deve primar pela:

[...] formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente do jovem e do adulto, considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades.

Nessa perspectiva, a BNCC (BRASIL, 2017) deixa claro que o processo de aprendizagem visa para que a pessoa seja acolhida e reconhecida, com o intuito de desenvolvimento pleno nas suas especificidades e diversidades, além de ter a escola como um local democrático e de aprendizagem inclusiva, sem discriminação, preconceito, respeitando e sendo respeitado em suas diferenças.

Cabe aos educadores pôr em prática essas sinalizações feitas pelos documentos que direcionam a educação, propiciando aos educandos uma formação plena, com equilíbrio físico, emocional e cognitivo, na perspectiva de resolver conflitos impostos no dia a dia na vivência escolar, na comunidade com influência na sociedade de forma efetiva e equilibrada.

Sabendo-se que a afetividade começa na família, e, após, se estende, à escola, com os reflexos da sociedade, logo, essa dimensão precisa ser entendida e trabalhada de forma adequada, proporcionando equilíbrio emocional e cognitivo aos sujeitos envolvidos.

Da mesma forma, pensar a educação também dentro da perspectiva afetiva, é pensar no ensino que deve impactar de maneira positiva uma sociedade complexa, com respeito e valorização de suas diversidades, tanto cultural, religiosa, linguística, como de forma criativa, com análise crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, e produtivo, como prima a BNCC (BRASIL, 2017).

Cabe a nós enquanto educadores pedagogos desenvolvermos um olhar mais sensível em relação a nossa clientela, ou seja, com os sujeitos de aprendizagens que é o educando e que esperam de nós capacidades de motivá-los, de impulsioná-los para uma aprendizagem significativa, e que possa responder as necessidades sociais de maneira resiliente, e venha desenvolver suas capacidades e habilidades para o progresso, podendo

competir igualmente em todos os âmbitos da sociedade, os quais possam sentir-se cidadãos de fato e de direito.

A escola exerce um papel importantíssimo e constante voltado à sociedade, conectando seu saber com a prática cotidiana do aluno, e a escola é feita por nós atores dessa comunidade. É preciso, pois, preparar o aluno para exercer seu papel na sociedade, na modalidade também profissional, e esse preparo também passa por experiências afetivas as quais estarão voltadas e que possam contribuir de maneira positiva na formação do sujeito consciente e ético com perspectiva de resolver problemáticas sociais que aparecem na vida, de maneira efetiva e que contribua para a equidade social.

Portanto, o conhecimento sobre essa capacidade da dimensão da afetividade é bastante relevante e terá implicações diretas na aprendizagem do educando, pois, para Wallon (1979 apud ALMEIDA; MAHONEY, 2007, p.16),

A compreensão da reciprocidade entre afetividade e inteligência é a mola propulsora para uma discussão proveitosa acerca das relações afetivas em sala de aula. É necessário entendê-la como uma companheira fiel da inteligência: afirmar sua ausência é desconhecer a relação afetividade-inteligência no desenvolvimento humano.

Observa-se, então, que a integração da cognição e da afetividade em sala de aula é essencial para o desenvolvimento da aprendizagem do sujeito, uma vez que ambas são intrínsecas durante este processo. Nesse sentido, acredita-se que o conhecimento:

[...] é o suporte, se não suficiente necessário para assegurar a administração das emoções em sala de aula. A apropriação do conhecimento amplia as possibilidades de compreensão da realidade. Através dele, as cortinas da percepção abrem-se, sendo possível ao professor identificar ou pelo menos despertar para os fatos que ocorrem na sala de aula. O conhecimento tem capacidades de instigar o pensamento às dúvidas. Assim, enquanto o conhecimento do funcionamento emocional pode representar para o professor a mola mestra do equilíbrio diante das reações emocionais de seus alunos, sua ignorância pode significar o risco de uma escravidão ao circuito perverso (ALMEIDA, 1999, p. 16).

Diante do exposto, é notório que o professor deva se apropriar do conhecimento sobre afetividade, para poder reagir diante de situações e embates que acontecem em sala de aula, tanto com o professor como com os alunos. Torna-se um conhecimento imprescindível que o educador venha ter para se sentir seguro na resolução de problemas levantados em sala de aula, por conta das emoções, dos sentimentos e valores que os alunos estão adquirindo na escola, cujos possam agir com segurança e equilíbrio.

O educador tendo conhecimento sobre a dimensão da afetividade pode intervir no relacionamento que acontece em sala. Percebendo os sentimentos e as emoções que acontecem em sala de aula, é possível ajudar o aluno na aprendizagem com mais facilidade, de forma a percebê-lo em suas especificidades, acolhê-los, respeitá-los, em forma de impulsioná-lo para uma aprendizagem mais positiva e consistente.

O professor só poderá agir com segurança, se conhecer de fato, os significados do fator em debate, e colocá-lo em prática em sala de aula, para compreender como esses sentimentos e emoções acontecem na relação professor/aluno em sua prática pedagógica. Por isso, o fator afetividade precisa ser debatido na escola, em sala de aula, com professores e alunos a fim de que ambos percebam a importância que essa dimensão oportuniza no relacionamento saudável entre os atores da aprendizagem.

É de suma importância que o professor conheça a dimensão da afetividade para que, então, possa colocá-la em prática no seu fazer pedagógico, percebendo, assim, as emoções e sentimentos de seus alunos, suas relações com os outros colegas e, também, consigo. Dessa maneira, atribuir um olhar mais sensível, com possibilidades de agir conforme os sentimentos e emoções que ali estão sendo despertados pelos alunos, para, então, poder intervir de forma equilibrada na resolução de problemas levantados em sala de aula, de maneira positiva e que não aconteça prejuízo no processo de ensino-aprendizagem.

Os teóricos aqui estudados nos deram uma compreensão substancial de desenvolver esta pesquisa, trazendo à luz e perceber que é de grande relevância a apropriação dos conhecimentos sobre essa dimensão afetiva para a tomada de decisão em sala de aula na resolução de problemáticas, sem prejuízos para o processo de aprendizagem. Uma vez que as concepções dos teóricos aqui estudados afirmam que o cognitivo não é a única dimensão a ser tratada em sala de aula e nem se dissociar da dimensão afetiva como é o costume nas escolas dar mais atenção ao cognitivo do que o afetivo, cujos teóricos vem desmistificar essa concepção, atualmente tem-se pensado que essas dimensões devam ser tratadas em pé de igualdade.

Sabendo-se que a pessoa se desenvolve no todo, seguindo etapas e processos de maturação orgânica e psíquica, e que a educação deve ser tratada levando em consideração essas etapas. Em uma escola, especificamente na sala de aula há muita diversidade que precisa ser observada, concebida e aceita sem discriminação, preconceitos ou algo que venha atrapalhar o processo de aprendizagem.

Portanto, o profissional da educação, sendo ele professor, pedagogo ou outro profissional, precisa de uma formação de qualidade que inclua a psicologia com uma

auxiliadora no processo de aprendizagem, uma vez que é a psicologia que trata das questões subjetivas em que a afetividade se faz presente. O professor deve se apropriar desses conhecimentos para ressignificar seu trabalho em sala de aula, levando em conta que seus alunos são sujeitos diversos, vindo de famílias diversas e, todavia, trazem conhecimentos de diferentes culturas e identidades que estão se construindo e a escola vai fazer essa continuação do conhecimento que ajudará no processo de construção da identidade para formar um sujeito que exerça a sua cidadania de maneira ética, resiliente, com capacidades e habilidades na resolução de problemas e na tomada de decisão sem prejuízos para o processo de aprendizagem.

O professor, na escola, é o sujeito mais próximo do aluno, portanto, é mediador das culturas, do saber, das diversidades, tanto familiares como das comunidades em seu entorno, e necessita se apropriar o máximo possível dessas informações para facilitar a convivência em grupo, um relacionamento mais respeitoso, mais afetivo, com capacidades de perceber o outro, com trocas de respeito mútuas e valorização da diversidade que permeia a escola.

Diante de todas essas considerações feitas pelos teóricos e interpretadas pelos professores nas quais me incluo, é notório que realmente é pertinente que conheçamos essa dimensão afetiva em sua profundidade para compreendermos a necessidade de serem trabalhadas juntas no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que tanto o afetivo como o cognitivo são dimensões que auxiliam na apreensão dos conhecimentos.

É importante frisar que a afetividade já se faz presente desde o nascimento, da criança com a necessidade da alimentação. A criança ao ser alimentada após seu primeiro momento na sociedade, onde a família já começa seus primeiros momentos com o contato afetivo. Com o acolhimento da mãe, na primeira mamada, já começa essa ligação do afeto, a presença do pai, das demais pessoas da família.

A criança não identifica este afeto no momento, mas vai guardando na memória esses momentos afetivos e, aos poucos, vai percebendo pela presença, pelo sorriso, pelo toque, pelo choro, pela mímica, pelas expressões, pelo movimento. Todas essas situações colaboram para o desenvolvimento e crescimento da criança, ao adquirir maturidade tanto orgânica como psíquica, e com todos esses cuidados tanto de afeto, como do cuidar da saúde da criança. Incluindo a importância dos movimentos, do equilíbrio motor, do crescimento orgânico, ou seja, todos os órgãos que compõem o ser humano contribuem para desenvolvimento e crescimento da pessoa.

Diante do exposto, precisa-se pensar que o afetivo não poderá se dissociar do cognitivo, pois todos os órgãos estarão interligados para o desenvolvimento da criança, até chegar à maturidade de cada órgão e isso inclui o psiquismo. E na escola quando a criança chega não é diferente, pois a aprendizagem segue um sistema que deve acompanhar as fases da criança, para seu processo de aprendizagem, e torna-se natural que essas dimensões sejam tratadas em consonância, para que não haja perdas na aprendizagem.

O papel da afetividade, nos estágios de desenvolvimento, do aluno é determinado histórica e culturalmente. Segundo Wallon (1979 apud ALMEIDA; MAHONEY, 2007, p. 18-19) em seus enunciados sobre esses estágios, elencados em:

Estágio impulsivo-emocional (0 a 1 ano) – a criança expressa sua afetividade por meio de movimentos desordenados, em respostas a sensibilidades corporais dos músculos (proprioceptivas) e das vísceras (interoceptivas) e do mundo externo (sensibilidades exteroceptivas), para satisfazer suas necessidades básicas.

Estágio sensório-motor e projetivo (1 ano a 3 anos) – já dispondo da marcha e da fala, a criança volta-se para o mundo externo (sensibilidade exteroceptivas), para o contato e exploração de objetos e pessoas de seu contexto.

Estágio personalismo (3 anos a 6 anos) – é a fase de se descobrir diferente das outras crianças e do adulto. Compreende 3 fases: oposição, sedução e imitação.

Estágio categorial (6 a 11 anos) – com a diferenciação mais nítida entre o eu e o outro, há condições para exploração mental do mundo externo, mediante atividades cognitivas de agrupamentos, classificação, categorização em vários níveis [...].

Neste sentido, compreende-se que as fases percorridas pela criança, já são o suficiente para nos apropriarmos dessa dimensão da afetividade como suporte para nossa ação pedagógica, enquanto educadores, professores ou pedagogos que somos ou queremos ser, devemos aprofundar mais os conhecimentos da dimensão afetiva, visto que são de grande relevância para o desenvolvimento do educando como também, torna-se uma ferramenta de ressignificação para construir o teórico - prático na ação pedagógica.

Segundo a teoria walloniana, já houve inúmeras pesquisas direcionadas a professor e alunos envolvendo os relacionamentos que acontecem na caminhada escolar. Dessa maneira, Almeida e Mahoney (2007, p. 20), estudando na fonte de Wallon, buscaram compreender os sentimentos e as emoções que são despertados durante esse processo que permeiam o ensino e aprendizagem, em questão no ensino superior, ao trabalhar:

[...] com dezessete professores de diferentes áreas da graduação, com idades de 28 a 59 anos, utilizando-se de questionários e entrevistas, identificaram os sentimentos e, as emoções, suas situações indutoras e, a partir delas, as necessidades dos

professores. Em todas as falas aparecem; necessidade de valoração, de reconhecimento por seu trabalho, de experiências, de formar melhores profissionais.

Compreende-se, diante desses argumentos traçados pelas autoras acima citadas, que os sentimentos e emoções permeiam em todos os graus de ensino. Portanto, o nosso trabalho de discorrer sobre afetividade no ensino fundamental, anos iniciais, se faz pertinente para desvendar o que essa dimensão pode trazer de benefícios ou não para o ensino-aprendizagem, cuja importância permeia os sentimentos e emoções e a qualidade desses sentimentos despertados em sala de aula entre professor e alunos. Sabendo que a pessoa se desenvolve inteiramente e os sentimentos fazem parte do desenvolvimento humano, e precisa ser tratado com igual importância tanto quanto o fator cognitivo.

É instigadora a referida temática, pois Wallon, no início do século XX, já tinha uma preocupação com o desenvolvimento humano, que deveria se desenvolver com plenitude, levando em conta os estágios percorridos pelo sujeito, ao entender que o orgânico e o social tinham ligações intrínsecas neste processo, e que inclui tanto aspectos afetivos, motor, cognitivo, que a pessoa precisa vivenciar.

Assim sendo, o pedagogo precisa estar apropriado com mais profundidade sobre essa dimensão, pois é na sala de aula que experimentamos e vivenciamos o fazer pedagógico, e diante dessas ações de professor e aluno, é que nascem os sentimentos, as emoções, os valores, a aceitação, o convívio, podendo ser de qualidade ou não, que fará grande diferença no ensino-aprendizagem e consequentemente desemboca na sociedade.

Na proposta de educação de Wallon, a integração é um conceito fundamental na formação do aluno, e Mahoney (2008, p.15, apud FERREIRA; ACIOLY-RÉGNIER, 2010, p.30) coloca que:

O motor, o afetivo, o cognitivo, a pessoa, embora cada um desses aspectos tenha identidade estrutural e funcional diferenciada, estão tão integrados que cada um é parte constitutiva dos outros. Sua separação se faz necessária apenas para a descrição do processo. Uma das consequências dessa interpretação é de que qualquer atividade humana sempre interfere em todos eles. Qualquer atividade motora tem ressonância afetiva e cognitiva; toda disposição afetiva tem ressonância motoras e cognitivas; toda operação mental tem ressonância afetivas e motoras. E todas essas ressonâncias têm impacto no quarto conjunto: a pessoa, que, ao mesmo tempo em que garante essa integração, é resultado dela.

A nossa pretensão aqui é responder satisfatoriamente a investigação proposta sobre a afetividade na relação professor/aluno em sala de aula com o objetivo de ressignificar de maneira consciente o fator da afetividade como impulsionadora da aprendizagem e qual a

qualidade dessas emoções e sentimentos despertados em sala de aula entre professor /aluno, e sua importância no processo de aprendizagem.

Precisa-se experimentar estar no lugar do outro para saber qual o melhor comportamento que devemos ter em relação ao outro. Assim, D'adesky (2009) coloca que é dessa forma que as identidades vão se formando. Sobre essa questão é dito que: A identidade implica um processo constante de identificação do “eu”. “O olhar sobre o outro” faz aparecer às diferenças e, por estas, a consciência de uma identidade.

2.2 Concepções de afetividade nos séculos XVII e XVIII

É bastante pertinente fomentar sobre a questão da afetividade acerca dos anos entre 1.700 a 1.800, pois já havia uma preocupação por estudiosos sobre a relação de afeto entre professor e alunos.

Sabendo-se que afetividade não é uma temática contemporânea e sim histórica, dessa forma, é necessário que seja abordada mais vezes por pesquisadores, professores e pedagogos que precisam conhecer mais a fundo a referida temática para reflexão sobre a mesma e suas implicações na aprendizagem. Já nos anos de 1.700 a 1.800, os teóricos como: Comenius e Rousseau disponibilizaram enunciados sobre a mesma com sua preocupação no relacionamento entre professore/alunos.

O discorrer sobre as concepções da afetividade nos séculos acima citado torna-se bastante oportuno, considerando que a afetividade se torna uma temática histórica sob o olhar de grandes pensadores como Comenius e Rousseau, os quais tratam do afeto e da moral. Pois Comenius compreende a educação, de forma tranquila, leve sem uso do poder, em que o professor seja amoroso com seu aluno, ensine brincado e se divertindo, porque o desempenho do professor perpassa pela forma que o aluno é ensinado.

Entende-se que com os enunciados do autor já havia uma preocupação consistente desses estudiosos sobre a questão do afeto, o qual deveria fazer parte da relação do professor/aluno, pois acreditavam que um professor deve ter uma convivência harmoniosa com seu aluno. Dessa relação também dependeria a sua superação, sendo que o desempenho do professor passa pelo que o aluno também pensa e percebe no professor, ou seja, o aluno amado pelo professor garantia ao este um bom desempenho no seu fazer pedagógico.

E, segundo Silva (2013), Rousseau segue uma ideia, concomitante, de que a criança deve viver cada fase da infância plenamente, pois:

[...] até 12 anos o ser humano é apenas emoção e corpo, estando a razão ainda em formação. Segundo ele o indivíduo viveria em liberdade, não desenfreada, mas no sentido de uma dependência em relação à oposição suscitada pelos adultos. Rousseau afirmava que o verdadeiro objetivo da educação era ensinar a criança a exercer a liberdade. O aluno somente entraria na sociedade, quando a tendência para a socialização nele surgisse naturalmente o desenvolvimento da razão [...].

De acordo com Comenius, o dever do educador é trabalhar a mente humana, de maneira que sua educação seja satisfatória, bem como a função do professor é ensinar e tratar bem o aluno, com respeito, tolerância, seguindo uma ideia de sujeito integral que precisa aprender de acordo com o grau de desenvolvimento, pois via no aluno certo desenvolvimento em que o cognitivo era apenas um entre outros, e, portanto, o aluno não é fragmentado e sim integral e necessitava ser visto e ensinado nesse sentido.

Silva (2013), ao estudar sobre Rousseau, infere que o mesmo era totalmente contra as atitudes de imposição sobre educando, ou seja, aula com severidade não seria o ideal, pois impulsionaria o sujeito a ser grosseiro e rígido, visto que o ideal era tratar os alunos, colocando a disposição das mesmas atividades motivacionais e de incentivo e que despertassem curiosidade. Além disso, a mesma autora deixa claro que o aluno deve, sobretudo, ser amado e que o trabalho do professor era para que este se sentisse bem na escola, quisesse aprender e que, também, olhasse para si mesmo. A autora confirma que a observação é importante para que o educador descubra as especificidades de seus educandos e que, assim, trabalhe de acordo com suas diferenças para uma construção de bem-estar a todos.

Ao abordar um pouco do contexto histórico, relacionado ao fenômeno afetivo, é necessário falar um pouco da formação, compreensão e componentes ao qual está ligada a referida temática. Sabendo-se que está imbricado com comportamentos, atitudes, valores e demais elementos em que se mobilizam por meio dos sentimentos, emoções, paixões, tonicidades, tendência, etc.; e que cada um desses componentes têm significados diversos em determinadas épocas, elencaremos alguns como: sentimentos, emoções e paixões, os quais em seu contexto histórico são bastante complexos.

Em vista disso, Berrios (2012) abre uma reflexão sobre o papel da afetividade, ao incluir sentimentos, emoções e paixões, e que estas “paixões” desempenham, desde a época dos gregos (até final do século XVIII, um papel secundário na definição da natureza humana). As paixões estavam ligadas a parte animal do homem, podendo desencadear a loucura, perturbação da cognição, excitação afetiva, que, então, culminavam na irracionalidade, considerada um mecanismo comum dos insanos. Já os “sentimentos” eram representados

como estados mentais enganosos, por meio de comportamentos não compreendidos, dessa maneira, as emoções eram entendidas com caráter intratável.

No percurso delineado pelos autores discutindo sobre afeto, constata-se que precisa avançar nas investigações, ponderando o caminho feito em relação a esse fenômeno: sempre esteve em evidência para ser pesquisado, hora como afeto na visão de Comenius e Rousseau, em outro momento, sendo pesquisado em vista de uma possível psicopatologia da área médica, descrevendo alguns fatores que estariam ligados ou não ao fenômeno, enfim, houve muitos avanços nas questões afetivas.

Berrios (2012, p. 148) faz uma discussão sobre a autonomia funcional da afetividade, pesquisando vários autores, e discorre que, conforme “[...] a Psicologia das faculdades mentais, a afetividade constitui uma faculdade primária, autônoma e irreduzível da mente”. Assim, esta independência recém-encontrada, encorajou:

[...] a sugestão de que os afetos poderiam ser, como as outras faculdades, suscetíveis a patologias primárias (Falret, 1864). Uma consequência direta dessa visão foi a aceitação gradual da existência de uma forma “emocional” ou “afetiva” de insanidade. Foram feitas tentativas para redefinir a melancolia para que ela se encaixasse na nova categoria. Este processo foi concluído no final do século. Nesse meio tempo houve grande resistência à mudança (KAGEYAMA, 1984 apud BERRIOS, 2012, p.149).

Os sentimentos são uma característica do romantismo, e, por consequência, centralizou-se a subjetividade como fonte de conhecimento estético e noção de consciência psicológica. Na questão da semiologia da afetividade, mesmo com essas mudanças, os transtornos afetivos não exerceram um papel relevante na nova semiologia psiquiátrica. No decorrer do século XIX, filósofos e psicólogos tiveram dificuldade de superar a complexidade dos sentimentos; continuando, dessa forma, a tentativa de reduzir o comportamento afetivo, como assinala Berrios (2012).

Brust (2009), ao mencionar Comenius e Rousseau, coloca que o cérebro de uma pessoa, na idade infantil, parece ser:

Úmido, tenro, pronto para receber todos as imagens que lhes chegam, aprendendo rapidamente o que lhes é ensinado. No cérebro do homem, é sólido e duradouro apenas o que foi absorvido na primeira idade. Segundo eles, o homem para ser homem, criatura racional, deve ser instruído nas letras, nas virtudes e na religião, tornando-se capaz de levar a vida presente de modo útil e de preparar -se dignamente para a vida futura. Todos devem aprender e conhecer os fundamentos, as razões mais importantes, para que ninguém no mundo se depare com alguma coisa que lhe seja tão desconhecida que não consiga sobre ela emitir um juízo moderado ou dela fazer um uso adequado (BRUST, 2009, p.17).

É notório que tanto Comenius como Rousseau tratam de um ponto fundamental que é a relação que o professor deve ter com o aluno, e dizem mais: a educação só será bem-sucedida se o professor for de fato amado, respeitado e também estimulado pelos alunos. Tendo em vista que a educação da criança é pautada na formação do coração, do espírito e também do juízo, ou seja, o aluno deve ser amado, segundo Brust (2009).

Rousseau, segundo escritos de Cerizara (1999, p.82 apud BRUST, 2009, p. 19), pensava a infância como um período necessário para a formação do homem, e que:

Era preciso observar antes de dirigir a palavra, não exercendo coerção sobre ele. Pois, assim como cada etapa do desenvolvimento do homem requer uma educação particular, também é preciso levar em conta as diferenças de temperamento de cada criança.

Nesse sentido, percebe-se que o educador deve perceber o aluno em suas diferenças e que possa agir adequadamente a cada situação apresentada, sem desrespeitar seu processo de desenvolvimento, tentando estar o mais próximo possível do educando, tratando-os com afeto. Enfim, Brust (2009) coloca que Rousseau propõe uma educação que pressupõe direito, deveres iguais, respeito mútuo e harmonização com o aluno.

2.3 Processo de aprendizagem a partir da abordagem sócio-histórico de Vygotsky

Adentrando na concepção de aprendizagem, Silva (2013), à luz de Vygotsky, concebe com grande relevância as relações sociais, inferindo que o conhecimento é apreendido por meio do processo de interação, impulsionando o desenvolvimento do sujeito ativo.

Segundo o autor, a zona proximal de desenvolvimento cognitivo, é no cotidiano que as crianças, tanto na escola, como na rua, ou em casa, observam o que as pessoas fazem, dizem como fazem, internalizam o que veem, recriando e internalizando, ou seja, segundo Vygotsky, grande parte da aprendizagem da criança é pela interação no ambiente que vivência. Dando um exemplo muito próprio da infância é que quando uma mãe percebe o perigo e diz a criança: sai daí, não senta, ou senta. A criança pode não obedecer, mas em vez disso explica o que pode acontecer, e dar o exemplo ela mesma fazendo. Imediatamente, a criança internaliza e pode muito bem obedecer, sendo uma oportunidade de aprendizagem por interação.

A segunda maior contribuição de Vygotsky para a Psicologia pedagógica e de desenvolvimento é seu Constructo da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP):

[...] (às vezes denominada de zona potencial de desenvolvimento). A ZDP é a amplitude de capacidade observável (desempenho) de uma criança e a capacidade latente (competência) da criança, a qual não é diretamente óbvia. Quando observamos as crianças, o que tipicamente observamos é a capacidade que elas desenvolveram, pela interação da hereditariedade e do ambiente (TEIXEIRA, 2015).

Tanto Piaget quanto Vygotsky são dois psicólogos do desenvolvimento de notável influência para a atualidade, que compreendem a mente humana em desenvolvimento estimulando e ampliando os conhecimentos científicos, com pressupostos de investigação. Após a Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional (LDBEN – nº 9.394/96), revalorizam-se as ideias de:

[...] Piaget, Vygotsky e Wallon. Um dos pontos em comum entre esses psicólogos é o fato de serem interacionistas, porque concebem o conhecimento como resultado da ação que se passa entre o sujeito e um objeto. De acordo com ARANHA (1998), o conhecimento não então, no sujeito, como queriam os inatistas, nem no objeto, como dizem os empiristas, mas resulta da interação entre ambos (CONTEÚDO..., 2018).

Na verdade, foi com a difusão das ideias desses teóricos, numa perspectiva sócio-histórica, que se buscou uma aproximação com as correntes modernas do ensino da linguagem, em que coloca o homem atuante na interação verbal constituindo uma verdadeira realidade fundamentada.

Segundo Silva (2013), Vygotsky frisa a importância das interações sociais, afirmando que:

A construção do conhecimento ocorre a partir de um grande e importante processo de interação. Ele destaca, além da importância da socialização no processo de construção do conhecimento, que a afetividade tem um importante papel na construção do próprio sujeito e suas ações.

Na concepção de Vygotsky, a aprendizagem perpassa pela interação social dos sujeitos da ação de ensinar e aprender. É perceptível a grande relevância que a relação entre seus pares tem no desenvolvimento do aluno na aquisição dos conhecimentos, sendo o professor o mediador dessa ação que tem o aluno como protagonista que está a predisposição das diversas aprendizagens, seja ela cultural, linguística, religiosa, conceitual e ou qualquer outra modalidade disponibilizada na escola ou fora dela.

2.4 Pensando a relação da emoção e da aprendizagem a partir de Henri Wallon

Segundo Almeida (1999, p. 12-13), à luz walloniana, deve-se estudar a emoção:

[...] como um aspecto tão importante quanto a própria inteligência e que, como ela, está presente no ser humano. A emoção deve ser entendida como uma ponte que liga a vida orgânica à psíquica. É o elo necessário para a compreensão da pessoa como um ente completo. Acreditamos que é do confronto entre teoria e prática que se traçam os caminhos possíveis para a solução ou pelo menos para a compreensão dos problemas educacionais.

A ausência de uma educação que aborde a emoção, em sala de aula, pode proporcionar prejuízos para a prática pedagógica, pois:

[...] suas consequências atingem não só o professor, mas também o aluno. A falta de habilidades em administrar as imprevisíveis crises emocionais provoca um desgaste físico e psicológico no professor. Ao não interpretar os efeitos da emoção e desta forma, deles se aproveitar no desenvolvimento da atividade pedagógica, o professor pode deparar, em facetadas emoções e de seus alunos, com um “presente de grego”, na medida em que, ao assistir a seu espetáculo, torna-se vítima do seu contágio (ALMEIDA, 1999, p.15).

Assim, Almeida (1999) destaca que o educador é um parceiro relevante, uma vez que as interações extrafamiliares são possibilidades construídas e delimitadas do eu; e impulsionar as relações de afetividade em sala de aula, faz parte da ação pedagógica, e, principalmente, cabe ao professor este estímulo afetivo.

Dessa maneira, Almeida (1999) continua a defender que compreender a reciprocidade entre afetividade e cognição é a mola mestra para um discurso efetivo acerca das relações de afetividade entre professor e aluno. É indiscutível que a afetividade seja uma colaboradora fiel da intelectualidade. Os educadores precisam discorrer sobre o funcionamento das emoções especificamente na sala de aula, de maneira a exercer ação pedagógica com maior eficácia, e, assim, enfatiza-se que:

A emoção tem uma extensão e uma importância inigualável que não se restringem apenas ao fato de que ela precede a vida de relação. De acordo com Wallon, as formas humanas de expressão emotiva são superiores às das outras espécies, pois se manifestam e se diferenciam num grau bem mais elevado que nos animais (ALMEIDA, 1999, p. 16).

As relações em sala de aula são construções feitas entre os sujeitos do ambiente escolar de várias formas as quais envolvem o diálogo, a escuta, a empatia, em que as emoções fazem parte dessa construção e que esse afeto que está sendo construído vai somar momentos

de alegria e prazer evidenciando o que se faz, como se faz, em que momento e porque se faz, afetando profundamente os sujeitos da ação. A maneira de agir dos atores da ação ensino e aprendizagem, determinando, sobretudo, o comportamento pela somatória das diversas formas de atuação dos sujeitos, certamente o diálogo franco seria uma forma humanizada de solucionar vários problemas de relacionamento Piletti (1999) infere que a motivação consciente, baseada no diálogo franco e aberta, é muito mais educativa e produtiva do que qualquer outro procedimento.

A comunicação é outro requisito que deve ter lugar de destaque na relação dos atores da educação, e, nessa perspectiva, Piletti (1999) enfatiza que perceber o outro de maneira adequada, sem preconceitos de nenhuma espécie, é condição indispensável para uma comunicação efetiva. Sobre isto, Almeida e Mahoney (2007, p. 20) citam uma pesquisa, com professores e alunos do curso de Medicina Veterinária, a respeito de sentimentos e emoções, que:

[...] a partir da devolução de 21 questionários de alunos e 15 de professores [...]. Os resultados revelaram sensível mudança de sentimentos desagradáveis para agradáveis: o estresse, o nervosismo e a impaciência cederam lugar a tranquilidade, melhora do humor, calma e redução na ansiedade, concomitante à redução da tensão corporal [...].

Diante dessa citação, é perceptível que o trabalhar afetividade faz grande diferença no desenvolvimento e melhoramento da aprendizagem, a qual interfere diretamente no emocional, expressando equilíbrio no comportamento e ajustamento nos sentimentos da criança. Sendo assim, o alunado deve ser respeitado e valorizado durante sua aprendizagem, uma vez que, a criança motivada e feliz encontra motivos para aprender com mais facilidade.

O que quero explicitar com esta exposição é que o outro depende do eu e vice-versa, ou seja, este outro a quem eu refiro é o aluno, que vai depender de sua relação com o professor e com outras pessoas para que o mesmo desempenhe seu papel de cidadão de maneira efetiva. E o professor está sendo convidado a participar e ser um colaborador dessa formação do outro, sendo este, o aluno.

Na contemporaneidade não é mais aceitável que não levemos em consideração a questão da afetividade como impulsionadora do desenvolvimento do aluno, juntamente com a inteligência, pois as duas dimensões se fazem presentes no processo de ensino e aprendizagem, constatação feita após estudos feitos acerca dos teóricos que fundamentam esta pesquisa, como Wallon e Piaget. Desse modo, não podemos tratar mais a dimensão cognitiva sem introduzir a dimensão afetiva.

Segundo Almeida (1999, p. 75), à luz de Wallon, discorre sobre a emoção, ao caracterizá-la como uma desordem fisiológica que:

[...] cuja finalidade é amotinar as disposições e capacidades do indivíduo. Como um redemoinho intempestivo, causam, concomitantemente, revoluções internas e externas. Com efeito, sua expressão é acompanhada de manifestações subversivas. Com a emoção surgem distúrbios motores- tremor na boca e nas pernas, diante do medo; distúrbios dos sentidos- obnubilação da vista diante do pavor; distúrbios de julgamentos- a pessoa encolerizada reconhece apenas o seu arrebatamento, sendo incapaz de identificar os motivos da cólera e perdendo a noção daquilo que a envolve; agitação visceral e glandular- modificações do pulso e da respiração diante da cólera.

Almeida (1999) elenca três tipos de emoções básicas: a alegria, o medo e a cólera. A alegria é considerada uma emoção positiva, ligada ao prazer, ou seja, ondas de contração que o corpo revela, causando o bem-estar; a cólera tem sua raiz na sensibilidade orgânica, espasmos de origem visceral e motor, de grande intensidade que pode travar a atividade da pessoa; e, por fim, o medo é considerado como contrária a tristeza, sendo a primeira emoção experimentada pela criança, o medo na criança sobrevém quando há um desequilíbrio na criança.

Por conseguinte, Almeida (1999) identifica a relação entre emoção e a inteligência inferindo que a emoção consiste naquilo que une o indivíduo para a vida social, e:

[...] esta ligação não sofrerá ruptura, embora as reações orgânicas da emoção tendam a esbater-se à medida que a imagem das situações ou das coisas se intelectualiza. Existem ao mesmo tempo solidariedade e oposição na consciência entre o que é impressão orgânica e imagem intelectual. Entre as duas não param de desenrolar ações e reações mútuas que mostram como vãs as distinções de espécies que os diferentes sistemas filosóficos fazem entre matéria e pensamento, existência e inteligências, corpo e espírito (ALMEIDA, 1999, p.65).

Nesse mesmo contexto, deixa-se claro que a emoção e a inteligência, em sua origem, se constituem em polos divergentes, mas que:

[...] Ambas têm propriedades diversas e forças que as opõem. No entanto, uma pressupõe a outra para desenvolver o indivíduo. Se fizéssemos uma representação gráfica do comportamento humano. Desenhariamos uma linha sinuosa. As ondas seriam os movimentos causados pela ação conjunta da emoção e da razão (ALMEIDA, 1999, p. 29).

Diante dos enunciados, é indiscutível a importância que a dimensão da afetividade tem na vida da pessoa, não podendo ser tratada separadamente, e sim, tanto emoção e cognição são fundamentais para apreensão dos conhecimentos, sendo estes escolares ou extras

escolares. Enfim, para Almeida (1999), a luz de Wallon, a personalidade é constituída basicamente pelas funções afetivas e cognitivas, inferindo que o desenvolvimento intelectual sofre influência da vida afetiva, constatando que existe uma evolução entre a atividade intelectual e a emoção.

3 AS RELAÇÕES AFETIVAS NO CONTEXTO ESCOLAR

Ao discorrer sobre os aspectos de relacionamento, além de considerar que o fenômeno da afetividade é uma aliada imprescindível para essa evolução psicossocial, é notório dizer que:

Precisa-se ter sensibilidade aos anseios do alunado. Devemos possuir a competência social, ou seja, ter capacidade de se conectar de forma positiva e harmônica com as pessoas à sua volta e, dessa maneira, contribuir com o crescimento delas. É necessário cultivar a empatia, ou seja, a capacidade emocional de se colocar no lugar do outro, percebendo o que os outros sentem e tendo consciência às consequências que nossas ações poderão ter na vida delas, mesmo que seja de forma imediata. (VIEIRA, 2017, p.40).

Cabe a nós, enquanto professores pedagogos, ter o discernimento de que somos responsáveis pela formação dos alunos, sobretudo o que dizemos e fazemos poderá interferir na qualidade da aprendizagem do aluno; e, da mesma forma, o professor também como um sujeito que aprende ao ensinar, e o relacionamento que acontece entre ambos, torna-se importante para consciência cidadã dos mesmos. Assim, Paulo Vieira (2017, p. 30) nos convida a uma reflexão, ao acreditar que:

[...] a nossa essência foi criada por Deus e é imutável, até porque é perfeita, porém a criação que tivemos a educação que recebemos os ambientes que frequentamos a quantidade e qualidade de amor que nos foi dada, tudo isso nos tornou pessoas distantes dos nossos sonhos e potenciais a ponto de nos perguntar quem somos. Como sabemos, podemos ser e viver de maneira diferente do que temos sido e vivido até hoje: podemos ser mais motivados, mais felizes, enfim, podemos ser quase tudo o que quisermos. E a educação precisa ser pensada assim também.

E nessa perspectiva é que o professor deve agir de maneira consciente, sabendo que a educação construída entre os mesmos deve ser de qualidade, tendo em vista que será uma construção para a vida toda.

Piaget (1967 apud TAILLE, 2019, p. 15) escreve que “a inteligência humana somente se desenvolve no indivíduo em função de interações sociais que são, em geral, demasiadamente negligenciadas”, assim, o ser humano só pode ser pensado dentro de um contexto social.

Diante do exposto, o professor tem o dever de impulsionar os alunos, dando todas as possibilidades de desenvolver suas capacidades e habilidades, de maneira ética, coerente, consistente para a formação cidadã dos alunos e alunas. Esse deve ser o objetivo maior do

professor, da escola, a qual, estar sempre com o olhar voltado para o social. De maneira que saiba utilizar o diálogo e o respeito mútuo que se faz necessário em uma escola democrática.

Sobre o respeito mútuo, tomamos os escritos de Piaget (2014), esse respeito mútuo está ligado a um respeito entre parceiros, em que nenhum tem uma hierarquia sobre o outro, ou seja, estão no mesmo plano, e, que, então, exerçam o direito, a estima. Assim sendo, o professor e o aluno, em seus relacionamentos, devem promover esse respeito mútuo. O professor, mesmo que seja uma figura mais experiente, não deve exercer o respeito unilateral como prioridade, ou seja, aquele que o respeito passa do inferior ao superior, da criança em relação ao adulto. O respeito mútuo conduz à autonomia porque os parceiros de uma relação social, cuja norma é aceita, desejada, por levar consentimento de cada um dos envolvidos.

A pesquisa aqui está direcionada aos alunos entre 10 e 11 anos que já estão entrando no sexto estágio, os quais são denominados de operações formais, e que precisa de entendimento e compreensão, visto que o pensamento formal não é abstrato:

[...] isto é, de específico a certas situações particulares, tais como a solução de um problema de inteligência. Esse pensamento formal desempenha um papel fundamental na conduta do adolescente como um todo, pois esse pensamento formal constitui, em última análise, o instrumento de adaptação para a inserção do adolescente na vida social dos adultos (PIAGET, 2014, p. 268).

Fazendo uma proposição ao que foi supracitado, é de extrema necessidade que conheçamos todo esse viés de desenvolvimento, crescimento e maturação do sujeito, que estão na predisposição de ser afetados durante sua aprendizagem. E os estágios estão interligados a essa maturação do sujeito que deve ser percebido nas suas diferenças. E nós enquanto pedagogos devemos nos apropriar de todos esses conhecimentos relacionados às evoluções que as crianças e adolescentes passam, para poder intervir quando for necessário, de forma adequada. E o trabalhar com a afetividade e conhecer sua influência na aprendizagem se fazem de grande valia.

Existem momentos em que, tanto a criança como os adolescentes sentem necessidades de se descobrirem como pessoa, e suas cabecinhas estão em constante mudança e conflito, e nós enquanto profissionais devemos estar capacitados para entender essas mudanças constantes, conhecendo esses fatores que colaboram para o crescimento e desenvolvimentos dos mesmos. Esses conhecimentos se fazem necessários para o pedagogo na tomada de decisões, uma vez que é o professor que está mais próximo do aluno, e também acompanha esse desenvolvimento, portanto o conhecimento psicossocial é de extrema relevância na abordagem educacional sob o olhar do pedagogo ou professor.

É importante que conheçamos essas fases de desenvolvimento do sujeito, para podermos interferir quando se fizer necessário, de forma coerente e efetiva, que possibilite ao aluno despertar para uma reflexão, que venha conhecer seus comportamentos, suas necessidades, entender seus conflitos, para agirem com equilíbrio e resiliência. Conhecendo suas emoções e sentimentos ficarão mais equilibrados em suas tomadas de decisões frente às problemáticas sociais.

É observado que as relações humanas na escola deveriam ser prioridade, mas o que se vê é totalmente diferente. Na escola existem várias funções, que são exercidas por diferentes pessoas, e que deveriam exercitar o diálogo franco como forma mais humana de resolver problemáticas.

Seria interessante que a motivação também existisse, pois é um dos componentes que favorece as relações humanas, da mesma forma a percepção, pois esta também faz parte das relações entre as pessoas, em que o perceber o outro se torna essencial para uma relação harmoniosa, visto que a comunicação também se faz relevante, ao perceber o outro de forma adequada é um caminho fecundo para as relações psicossociais, como bem destaca Piletti (1999).

3.1 Afetividade e aprendizagem

Discorrendo um pouco sobre a Psicopedagogia, com foco no sujeito da aprendizagem, Dolle (1993 apud BARBOSA, 2006) concebe que o sujeito psicológico se constitui da interação de outros sujeitos, através de quatro características: sujeito afetivo, sujeito social, sujeito cognitivo e sujeito biofisiológico; e o meio como:

Organização da dinâmica das relações dos sujeitos com objeto artificiais, e com regras institucionais de convivência social que são construídas ao longo da história e que se diferenciam em cada cultura. Este sujeito que possui várias dimensões que são interdependentes umas das outras, ao interagir com o meio que é dinâmico, do qual também é parte integrante, desenvolve-se e aprende (BARBOSA 2006, p.12-13).

Diante do exposto e a importância que esses fatores têm no desenvolvimento e na aprendizagem dos alunos, é que estamos no caminho certo, ao pesquisar mais sobre essa dimensão que se faz tão oportuna e de tanta relevância no trabalho aqui abordado, levando esta pesquisa para o campo da ação real, percebendo como essa dimensão é trabalhada em sala de aula e o valor concebido por alunos e professoras nas qualidades de seus relacionamentos entre o ensinar e o aprender, em concomitância com o fator aprendizagem.

Barbosa (2006, p. 15) enfatiza que:

a aprendizagem decorre da ação do aprendiz sobre o mundo e dos elementos deste mundo que agem sobre ele caracterizando uma ação dialética, modificando, portanto, a concepção do que seja ensinar/aprender e construir conhecimentos. O aprendiz, sujeito pluridimensional aprende ao estabelecer interações com os objetos de aprendizagem que se caracterizam por serem outras pessoas, a natureza, as construções humanas, as concepções, as normas de convivência, ou como diz (SILVA, 1999) sob o olhar de (BARBOSA, 2006), tudo aquilo que não é o sujeito na relação cognitiva, porém atuante nesta interação.

Com observância a todas as exposições dos teóricos aqui referenciados, é perceptível que a aprendizagem acontece sempre com a interação, com os seus pares, ou com o professor, com o meio e com as culturas. E, por isso, o professor exerce a função de mediador, ou seja, mediar à ação de aprender no âmbito escolar é a grande tarefa do professor. Em outros ambientes também existem as interações que levam ao aprender como, por exemplo: no âmbito familiar, religioso, profissional, comercial etc.

Portanto, qualquer local que for propício a qualquer aprendizagem é imprescindível a interação interpessoal. E se na escola for praticada a interação, cuja forma pode ser empatia, afetividade, colaboração, ou seja, que o local esteja propício ao diálogo, sem dúvida a aprendizagem se faz bem mais prazerosa.

Assim, cabe a nós enquanto professores compreender o esquema evolutivo de aprendizagem, nos conscientizando o quanto é importante esta interação do sujeito com o mundo, onde possam apreender sua cultura, e também agindo sobre a mesma. Nessa perspectiva, Barbosa (2006, p. 17) faz essa inferência, ao colocar que como o aprendiz é um sujeito inteiro e pluridimensional, a escola cabe possibilitar:

[...] a interação deste aprendiz com o conhecimento historicamente construído, para incentivar novas construções, novos saberes, necessitamos conceber os alunos e alunas do atual momento histórico como sujeitos capazes de agir sobre o mundo. Além disso, capazes de permitir a ação do mundo sobre si próprio, para que se possam desenvolver como seres humanos, com disponibilidade para conhecer e transformar o conhecimento, utilizando-o como instrumento de transformação da realidade.

Esse breve histórico sobre a aprendizagem, o fazer do professor, a escola como ação para a cidadania, e o alunado para aprender com mais autonomia e prazer, e nessa perspectiva a escola é uma condutora de um ensino e aprendizagem mais consistente e, efetivo que traga resultados positivos para a sociedade vigente onde professor e alunos aprendam na integralidade em que os fatores cognitivos, sejam tão importantes quantos os

fatores afetivos, os quais tragam contribuições na formação de cidadãos resilientes na tomada de decisões.

Segundo Campos (2011, p. 33), a aprendizagem:

[...] envolve o uso e o desenvolvimento de todos os poderes, capacidades, potencialidades do homem, tanto físico, como mentais e afetivas. Isto significa que a aprendizagem não pode ser considerada somente com um processo de memorização ou que emprega apenas o conjunto das funções mentais ou unicamente os elementos físicos ou emocionais, pois todos estes aspectos são necessários.

Dessa maneira, Campos (2011) coloca que a aprendizagem se apresenta de várias maneiras e que é acontece por meio de um processo dinâmico, acerca do aprendiz que incluem tantos aspectos interno e externos, ou seja, o físico, mental e emocional, tendo uma participação global do ser humano. Logo, é contínuo, pois está ligado no movimento de sucção, do seio da mãe, deglutição e respiração, são fatores que já estão em processo de aprendizagem. Assim, Campos (2011) pontua que o processo global se relaciona com qualquer comportamento da pessoa, como por exemplo: os aspectos motores, emocionais, e ideativos ou mentais, também fazem parte do produto de aprendizagem.

Faz parte também dessa aprendizagem, segundo Campos (2011), o processo pessoal, o gradativo e o cumulativo. O pessoal, por depender do próprio aluno, e é intransferível, ou seja, é paidocêntrica, o aluno sendo o centro. O gradativo, uma operação crescente e complexa, em cada situação maiores números de elementos, gradativa e ascendente. E o cumulativo que vem tratando do sentido de progressão, adaptação e ajuste social, além da maturação, ou seja, sujeitos capazes de solucionar seus problemas de forma adequada, considerando as emoções quando estiverem mais aguçadas durante os relacionamentos em sala de aula entre professor/alunos, trazendo benefícios tanto para o educando como para o educador, sem prejuízos para a educação. Segundo Almeida e Mahoney (2005, p. 12), o processo de ensino e aprendizagem só pode ser analisado em uma unidade, pois:

[...] são faces de uma mesma moeda; nessa unidade, a relação interpessoal professor-aluno é um fator determinante. Esses atores são concretos, históricos, trazendo a bagagem que o meio lhes ofereceu até então; estão em desenvolvimento, processo que é aberto e permanente. O processo ensino-aprendizagem é o recurso fundamental do professor: sua compreensão, e o papel da afetividade nesse processo, é um elemento importante para aumentar a sua eficácia, bem como para a elaboração de formação de professores.

Dessa forma, a aprendizagem é algo que traz modificação ao pensamento, e não se trata, apenas, de estagnação de conteúdos, ou seja, para que possa haver aprendizagem:

[...] o aluno necessita ser estimulado com conteúdos de seu alcance, textos que tratem de sua realidade. Somente quando o aluno demonstre através de ações alguma forma de mudança crítica podemos dizer que realmente existiu aprendizagem [...], o ensino visa estimular, dirigir, incentivar. Impulsionar o processo de aprendizagem dos alunos (CONTEÚDO..., 2018, p.74).

Nessa perspectiva, observa-se que o objetivo principal do aluno é aprender, mas para que isso venha a acontecer deve ter a parceria do professor, ou seja, o professor deve apresentar conteúdos que visem alcançar o aluno, seu cotidiano, assuntos que perpassa pela sua realidade e que traga sentido para querer estudar, se o professor perceber o aluno em suas diferenças e especificidades, o aluno se torna mais disposto a querer avançar nos estudos e ir mais além, inclusive ser professor para contribuir com a sua comunidade e ir mais em frente, buscando nessa profissão estudos mais avançados. Professor/aluno são parceiros da aprendizagem.

3.2 Afetividade e motivação dos alunos

Sabendo-se que a motivação são aspectos estudados na psicologia e também na didática, segundo enunciados de Piletti (1999) e deixa claro que:

A motivação é um componente indispensável de qualquer programa de relações humanas. Em síntese, é decisivo que tanto alunos quanto funcionários compreendam as razões pelos quais são solicitados a desenvolver suas atividades, [...] a motivação consciente, baseado no diálogo franco e aberto, é muito mais educativo e produtivo do que qualquer outro procedimento (PILETTI, 1999, p.135).

Diante de essa citação, o fazer do aluno perpassa pela maneira que o professor dialoga com o mesmo, a conversa que acontece entre professor e aluno, o entendimento entre ambos, a maneira que o professor se relaciona com o aluno, são formas peculiares de motivá-lo o que o professor diz como diz e o que faz interfere na aprendizagem.

A maneira que o professor coloca as problemáticas para o aluno, a forma de chamá-lo atenção, os comportamentos exercidos em sala de aula, pelo professor reflete na motivação do aluno, é importante que haja estabelecimento de regras e acordos de convivência, todos esses são aspectos que impulsiona à motivação e consequentemente a aprendizagem.

Eunice de Castro e Silva e outras duas pesquisadoras sobre afetividade e motivação, um estudo de caso elencou oito aspectos que revelam a influência da afetividade na aprendizagem são eles:

As formas de o professor ajudar os alunos; as formas de falar com os alunos, as atividades propostas; as aprendizagens que vão além dos conteúdos; as formas de corrigir e avaliar; repercussão na relação aluno, objeto de conhecimento; a relação do professor com o objeto de conhecimento, os sentimentos e percepções do aluno em relação ao professor, (TASSONI; LEITE, 2013 apud PARRAT-DAYAN, 2016).

Estas são formas que possibilitam a motivação do aluno para a aquisição da aprendizagem mais eficaz, pois é melhor aprender em harmonia. Com o relacionamento mais estreito entre professor e aluno, possibilita que os mesmos se percebam como parceiro da aprendizagem, pois é com essa parceria que o ensino e aprendizagem crescem e com isso educando e educador fica mais próximo, impulsionando uma convivência com respeito mútuo, com uma percepção mais apurada e um ouvir mais atento. Segundo Almeida e Mahoney (2005, p. 26), quando não são satisfeitas as necessidades afetivas, estas resultam:

Em barreiras para o processo ensino e aprendizagem e, portanto, para o desenvolvimento, tanto do aluno como do professor. Processo de ensino e aprendizagem comporta fluxos e refluxos, certezas e dúvidas; tal como o desenvolvimento, é um processo em aberto, portanto sujeito a reformulações constantes.

Dessa forma, para Almeida e Mahoney (2005), cabe ao professor ser o mediador do conhecimento. A maneira que o educador se relaciona com o educando interfere em seu conhecimento, e em suas relações aluno/aluno, querendo ou não o professor é um modelo, na maneira de solucionar problemas, quando expressa os valores, na maneira de dialogar e também como ouvinte.

A motivação faz parte de um dos cinco aspectos mais importantes das relações humanas internas da escola, segundo Piletti (1999), e, com certeza, muitos alunos que saem da escola, se foram respeitados, tratados com dignidade, valorizados e ouvido tem motivação para continuar estudos futuros, esses são legados deixados pelos professores.

Piletti (1999) menciona que a motivação dialoga com os outros quatro aspectos preponderantes da relação interna da escola que são: percepção, comunicação, tomada de decisões e liderança, utilizando-se desses recursos as relações entre os sujeitos e a dignidade que os mesmos constroem na escola são os objetivos mais importantes disponibilizado pela educação para suprir as demandas e necessidades das novas gerações.

Assim, a motivação é entendida como uma relação intrínseca quando se trata de:

[...] objetos internos como a satisfação de necessidades orgânicas ou sociais, a curiosidade, a aspiração pelo conhecimento; é extrínseca, quando a ação da criança é estimulada, como as exigências da escola, a expectativa de benefícios sociais que o estudo pode trazer, a estimulação da família, do professor ou dos demais colegas (LIBÂNEO, 1994, p.88 apud CONTEÚDO..., 2018, p. 74).

Diante do exposto entende-se que a afetividade mobiliza os conhecimentos, com perspectivas de enriquecimento, que se concebe como motivação para satisfazer as necessidades pessoais e sociais do sujeito da aprendizagem, em que essa aprendizagem possa modificar o pensamento, possibilitando que o outro aprenda. Toda motivação profissional aparece a partir de:

Regras e ditames impostos pelo sistema, por regras ditadas por terceiros. O docente se motiva pelo seu educador, seus valores, seus modos, sua história de vida, seus problemas, sonhos e modos. Tal motivação se une à experiência, à reflexão, e com o passar dos anos surge a didática. A didática se classifica pela forma como o docente passa a interagir em sala de aula, mediando conhecimentos e saberes, dando forma e cor à educação, partindo da realidade de cada educando (CONTEÚDO..., 2018, p.108).

O professor e aluno são peças fundamentais no processo de aprendizagem, um depende do outro, o desempenho do aluno depende do interesse que o professor conduz suas aulas, a sua didática e sua metodologia todas essas possibilidades de motivação desperta no aluno a curiosidade de querer saber mais, de aprender de forma mais leve e tranquila, com harmonia e o professor por sua vez sente motivado em ensinar novas técnicas, conteúdos abordados de outra forma, ou seja, quando o professor sente prazer em ensinar o aluno também sente harmonia em aprender. Esses são os relacionamentos carregados de afeto que tem consequências positivas no aprendizado.

3.3 A formação afetiva do professor: uma necessidade

Segundo Piletti, a formação do professor está contida no Art., 61 da lei de nº 9.394/96 que firma diretriz para os profissionais da educação, referindo-se a diversos itens: formação, aperfeiçoamento e atualização, valorização dos educadores, estabelecendo que:

De modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase do desenvolvimento do educando, ela deverá ter como fundamentos: a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacidade

em serviços; o aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino e outras atividades. Portanto, são quatro os principais aspectos a serem levados em conta na formação dos educadores, conforme o texto da lei: adequação aos diferentes níveis e modalidades de ensino; adequação às características de cada fase do desenvolvimento dos educandos; associação entre teoria e prática; aproveitamento da formação e experiências anteriores. (PILETTI, 1999, p.174).

De acordo com o autor fica explícito que a formação do professor é estabelecida por lei, e pretende disponibilizar capacitação ao professor e, no quesito que estabelece os aspectos de observância ao desenvolvimento do aluno, fixa que, a idade cronológica da pessoa, não é o mais seguro para determinar a fase de desenvolvimento dos mesmos, ou seja, os critérios a serem considerados são os seguintes: físico, mental, emocional, social, moral, etc.

Portanto, nessa perspectiva, o professor deve ter conhecimento da psicologia do desenvolvimento, pois a mesma abarca o desenvolvimento da pessoa e o fator afetividade encontra-se nesse contexto e o fazer do professor deve ter características apropriadas aos estágios básicos do desenvolvimento da pessoa, infância, adolescência, idade adulta, como bem coloca Piletti (1999).

Tendo em vista que a formação do professor perpassa pelo conhecimento das fases de desenvolvimento do aluno, a qual precisa também ser contemplada no fenômeno da afetividade, pois esta também faz parte do desenvolvimento da pessoa na questão da aprendizagem. Então Piletti (1999) pontua que o aperfeiçoamento do professor é de fundamental importância, já que novas ideias, novos métodos de ensino, novas experiências educacionais surgem para impulsionar o trabalho do professor, a atualização do mesmo é um ponto estratégico de constante transformação. A atividade escolar é bem mais produtiva quando se integra a necessidade do aluno.

Sobre a formação do professor, é de extrema necessidade que seja integral, e que essa profissionalização caminhe junto com a valorização de um novo modelo de educador, visto que:

Aquele que exerce uma tarefa prática e que também reflete, [...]. Esse modelo substitui, ao mesmo tempo, o do educador instruído e o do educador técnico. O primeiro modelo corresponde ao do educador que domina o saber das disciplinas que ensina, que trabalha individualmente e, que exerce uma pedagogia do tipo transmissivo, referindo-se às prescrições formais providas das autoridades escolares. O modelo do educador técnico corresponde àquele educador que possui e aplica um repertório de técnicas pedagógicas e de procedimentos precisos e eficazes derivados de estudos científicos. O modelo do prático-reflexivo é o de um educador que é capaz de se adaptar a todas as situações de ensino. Por meio da análise das suas práticas e dos resultados que obtém. Esse educador sabe se perguntar qual é o

sentido das ações que realiza, sabe se interrogar sobre suas próprias concepções, sobre o que faz e por que faz. É por essa capacidade de autoanálise que pode identificar seus êxitos e fracassos e assim ajustar suas ações (PARRAT-DAYAN, 2016, p. 111).

Nessa perspectiva o professor precisa passar por uma mudança bastante profunda que lhe dê a oportunidade de ser um construtor de conhecimentos, que colabore para a construção de identidades, desenvolvendo novas competências para sua formação, tornando-se um especialista da aprendizagem e dessa maneira este professor buscará sua formação também no quesito que prima à psicologia do desenvolvimento, em que está também centrada a dimensão afetiva que é sem dúvida um componente que impulsiona a aprendizagem dos sujeitos.

Sendo assim, as competências que atestam uma capacidade de integração numa equipe e numa organização escolar supõem que sejam estabelecidas relações de colaboração efetivas com a escola, com os pais e, colegas, ou seja, que o mesmo seja dinâmico, tenha capacidade de resolução das problemáticas. Segundo essa mesma autora discorre sobre:

As características da prática profissional do ensino relacionam-se, ao mesmo tempo, com o saber teórico e com a investigação. A dificuldade em definir um modelo de ensino deve-se A importância da dimensão reflexiva do ato de ensinar, dimensão essencial que permite ao educador enfrentar as situações mutantes da prática de seu trabalho. Os três grandes problemas de uma prática reflexiva do ensino são/; 1. Enfrentar a complexidade de situações de ensino-aprendizagem; 2. Afirmar a própria identidade profissional sabendo, ao mesmo tempo, adaptá-la aos diferentes contextos; 3. Ter uma prática profissional coletiva (PARRAT-DAYAN, 2016, p.113).

É fundamental para o professor sua formação contínua, não devendo ser distante, ameaçadora e nem ter medo de tratamento diferenciado com seus alunos. Ao contrário esse educador é um mediador e deve agir como tal, com técnicas democráticas de solucionar embates e conflitos, para chegar às normas de convivências, inclusive convocando os pais para essa colaboração, de maneira que aumente o nível de interação entre esses sujeitos (professor, aluno e pais) e, conseqüentemente, a comunidade escolar com um todo.

Dessa forma é fundamental incluir no planejamento, também a preocupação com os valores humanos dentro da escola, não considerando só os conteúdos a serem trabalhados, mas também as relações humanas que irão se estabelecer na escola, Barbosa (2006). Enfim a profissão de professor é um campo privilegiado de aprendizagens e pesquisas e novas possibilidades de ação profissional.

4 METODOLOGIA

A referida pesquisa se constituiu na abordagem de cunho qualitativo, pois transitou na realidade, de forma objetiva e também subjetiva, tratando de um objeto do universo de significado, que abordam valores, atitudes e comportamentos nas relações entre professor e alunos, em sala de aula, uma vez que a fonte direta do estudo foi no ambiente escolar. Em vista disso, Bogdan e Biklem (1994, p. 49) salientam que a abordagem da investigação qualitativa exige que:

[...] o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo. [...] Nada é considerado como um dado adquirido e nada escapa à avaliação.

Constitui-se, também, em uma pesquisa de fonte bibliográfica, através da revisão de literatura sobre o tema abordado, para a compreensão da temática em discussão, ou seja, a afetividade na relação professor-aluno, *in lócus* da pesquisa. Uma vez reunindo esses enunciados, como bem destaca Barros e Lehfeld (2014), então, procura-se adquirir conhecimentos através de materiais produzidos e disponibilizados, seja pelos professores, biblioteca ou por meio eletrônico, para a análise dos dados obtidos durante a pesquisa.

Com a ênfase na pesquisa de campo, que objetiva o pesquisador ir “[...] até o seu objeto de estudo fazer, ele mesmo, o levantamento dos dados, ou seja, o pesquisador coleta as informações no contexto no qual ocorrem” (REIS, 2018, p. 26), logo, com o estudo feito em uma escola pública municipal de São Luís-MA, com a observação direta e, também, com a coleta de dados, por meio de uma entrevista com o professor e questionário aos alunos, procurou-se analisar o fenômeno afetividade no relacionamento dos sujeitos em vista da aprendizagem.

Da mesma forma, configura-se em estudo de caso, visto que se busca entender “[...] um fenômeno da vida real em profundidade, mas esse entendimento englobasse importantes condições contextuais [...]” (YIN, 2010, p. 39), assim, não se pretende intervir no objeto de estudo, e sim observar e entender como ela se manifesta, em questão, como esta afetividade ocorre em sala de aula, na relação entre o professor e os alunos.

A pesquisa foi realizada em uma escola pública da rede municipal, na cidade de São Luís, estado do Maranhão, no bairro da Cidade Operária; através do componente curricular Estágio Supervisionado dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, durante o 7º

período do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA (Campus Paulo VI); ocorrido no primeiro semestre do ano de 2019, no período vespertino.

Assim, a pesquisa aconteceu com 10 alunos² de uma turma de 5º ano do ensino fundamental, e uma professora, com habilitação para o Magistério (nível médio) e, também, com graduação em Matemática. Os instrumentos metodológicos e as técnicas utilizadas para a coleta de dados para a pesquisa foram: uma entrevista e um questionário de perfil com a professora; um questionário aberto para os alunos; além das observações em sala de aula.

Os instrumentos de coletas de dados são fundamentais para o desenvolvimento da investigação científica, pois, como bem coloca Barros e Lehfeld (2014), possibilita ao pesquisador, a partir dos registros e mensuração dos dados, uma confiabilidade dos seus escritos. Assim, o questionário “[...] É formado por uma sequência lógica de questões, voltada aos objetivos da pesquisa” (REIS, 2018, p. 27); a entrevista, para Reis (2018), se constitui em um instrumento de informações, com um roteiro traçado e com perguntas flexíveis, que possam contemplar surpresas que podem ocorrer durante a pesquisa e, por isso, se caracteriza como uma técnica de interação social, ao permitir que o entrevistado fale a contento.

Barros e Lehfeld (2014) pontuam que a observação é um instrumento que auxilia o pesquisador no registro dos fenômenos que acontecem na realidade, podendo ser flexível, e é imprescindível na pesquisa científica. Por fim, foram analisados os dados coletados da entrevista, do questionário de perfil, do questionário aberto, bem como das observações; finalizando com a análise dos dados, considerações, referências e os anexos com a entrevista e questionários.

² A turma possuía um total de 25 alunos matriculados, contudo foram sorteados 10 alunos para a pesquisa.

5 RESULTADOS E ANÁLISES DA PESQUISA

A escola investigada é da rede pública municipal de ensino, de São Luís, do estado do Maranhão, e funciona nos três turnos (matutino, vespertino e noturno). Com oferta de curso regular, do Ensino Fundamental anos iniciais e na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), somando um total de 594 alunos nos três turnos, sendo 267 alunos no matutino, 257 alunos no vespertino, e 70 alunos no noturno, distribuídos em uma quantidade de 11 salas de aula, compreendendo 36 professoras, 1 diretor geral, 2 coordenadores pedagógicos, 1 secretário escolar, 2 cozinheiras, 2 porteiros, e demais funcionários terceirizados.

Por questão de sigilo, tanto a escola como a professora e os alunos não serão identificados no decorrer das análises. No entanto, nomearemos a professora como P1 e os alunos de A1 até A10, por serem dez alunos sorteados para responder o questionário.

O início da pesquisa consistiu em observar o ambiente da escola investigada, como exemplo o espaço físico, a direção, a coordenação, professoras, e, principalmente os alunos, público-alvo do estudo, junto à professora do 5º ano. A pesquisa esteve baseada em um estudo de caso, portanto, se constituiu em caráter subjetivo, ao está ligada às relações professor/alunos em sala de aula, acerca de seus comportamentos, como também a qualidade dessas relações e como essas relações podem favorecer ou não a aprendizagem.

Os alunos, que foram os sujeitos da pesquisa, fazem parte de uma camada popular, com uma situação social bastante vulnerável, no que diz respeito às condições socioeconômicas, não apresentam distorção idade-série, segundo comentários da professora técnica.

5.1 Conhecendo a professora

O primeiro dia na escola, a professora da turma a qual, seria investigada, não compareceu, os alunos foram encaminhados para a sala com a professora técnica de Artes, que enfatizou que a professora regular estava doente, e por esse motivo não foi possível se fazer presente e, assim, foi iniciado o trabalho com a professora de Artes.

Nesse primeiro momento, vale ressaltar uma boa receptividade, tanto pela professora de Artes, como pelos alunos, o que já nos conheciam. Estivemos nos dias anteriores para a observação em turma. É necessário deixar claro que essa pesquisa para a

monografia foi conduzida entre os meses de fevereiro a julho. A professora que nesse momento se fez presente foi a professora de Artes e, posteriormente, a pesquisa foi feita com a professora regente da turma.

Contudo a abordagem em sala de aula foi mediante o texto com a temática identidade, sendo um texto sobre bullying, foi por meio de um projeto aplicado na referida escola, com a intenção de trabalhar a leitura e a escrita, que a própria professora sugeriu por motivo dos alunos encontrarem maiores dificuldade nessa disciplina. E dessa forma, o trabalho discorreu a contento. Para a obtenção de dados para a monografia, cuja professora foi bem simpática, e os alunos acolhedores, ficando a vontade com nossa presença. Esse primeiro contato foi bastante positivo. Observou-se certa empatia entre os sujeitos que ali estavam.

A professora se mostrou muito simpática e acolhedora, não mostrou nenhuma resistência ao trabalho que ali estava sendo desenvolvido, pelo contrário, nos orientou bastante. Tanto a professora de Artes como a professora regente tiveram as mesmas posturas para com o trabalho que estava sendo feito.

5.1.1 Observações sobre a professora

Essas observações se iniciaram com a professora de artes no primeiro momento e durante os dias posteriores com a professora técnica, a qual seria a professora da pesquisa. Nessa abordagem, os alunos foram colocados em duplas. Para conduzi-los a trabalharem em colaboração, a professora de artes, achou muito interessante e até comentou que eles não tinham esse costume de trabalhar em equipe, pois os mesmos tinham muitas dificuldades em formar equipes de trabalho, e os mesmos foram divididos para a entrega de um texto para fazerem uma leitura silenciosa, com um tempo estipulado, e, ao final, saíram-se muito bem.

Posteriormente, leu-se o texto para eles e foi feito questionamentos e eles responderam a contento, e também, deram suas contribuições e conversou-se sobre o tema, quem eram os autores e qual a ideia central do texto lido, neste primeiro momento percebeu-se um entrosamento entre a turma, todos tinham algo a dizer.

Portanto, entende-se que o trabalho compartilhado, quando há ajuda entre seus pares, flui com mais tranquilidade, eles ficam mais à vontade, e a professora também, no intuito de interagir melhor. Então, diante desse feito, é notório que trabalhar em duplas ou em equipes tornam um trabalho com momentos mais felizes.

A professora de Artes como já enfatizado, achou interessante o trabalho em grupo, em que no momento seguinte que seria dela, optou por esse mesmo método, para aplicação de

sua aula, pediu que os mesmos continuassem em dupla para confeccionar as lembranças para as suas mães e continuaram, e nós tivemos o maior prazer de trabalhar juntos com a professora e os alunos e, em seguida, tiveram a visita da equipe da saúde e foi bastante positivo esse dia. Ao fim da aula, todos os alunos foram para suas casas alegres, com os presentes elaborados para suas mães.

Esse momento foi concebido como um momento de aprendizagem em grupo e por meio da empatia, da colaboração e pela relação de harmonia, ou seja, por meio da interação. Pois era exatamente minha ideia conhecer os benefícios proporcionados com a utilização da empatia, percebendo-se nesse momento que a afetividade se fez presente com perspectiva de promoção da aprendizagem, que é essa valorização dos relacionamentos nos momentos de aquisição do conhecimento.

Diante desse fato, percebe-se que o cognitivo é tão importante quanto o afetivo, e o trabalhar em colaboração, os alunos se tornam mais felizes. Essas foram as primeiras observações feitas em lócus com a professora de artes e em segundo momento com a professora pesquisada.

Nos dias posteriores, a pesquisa foi com a professora técnica da sala regular do quinto ano, a qual deixou-nos a vontade para a realização da pesquisa. Nessa oportunidade, compartilhou-se uma dinâmica de convivência saudável e a turma que era composta por 25 alunos, sendo em sua maioria meninos, ficaram muito atentos à dinâmica e entenderam após a explicação dada e os objetivos da mesma.

Observou-se uma professora um tanto incisiva, de personalidade forte, que conduzia a turma de forma bem disciplinar, em que alunos a respeitavam e ela os colocavam individualmente para realizar os devidos trabalhos, os quais ela respondia no quadro e dava oportunidade que os mesmo dessem suas respostas.

O referido trabalho estava pautado na pesquisa qualitativa, de campo com perspectiva no estudo de caso, com a aplicação de entrevista e o questionário de perfil feito à professora regente do 5º ano vespertino e a aplicação de questionário para 10 alunos. Quanto à entrevista, já incluso o questionário de perfil, seguiu-se um roteiro para coletar as respostas, contendo 11 questões, para a professora e, por fim, o questionário aberto feito aos alunos, com uma quantidade de 9 perguntas.

5.1.2 Entrevista à professora

Acerca da entrevista e o questionário de perfil, já incluso, foi produzido um roteiro para direcionar a referida pesquisa. Logo, ao iniciar as perguntas, a professora falou que não saberia dizer nada sobre a escola, pois estava apenas há três anos, então qualquer pergunta referente à mesma, era para se dirigir ao diretor. Então, sobre isto, a primeira pergunta, *Qual o ano de fundação da escola?*, não foi respondido, mas sugeriu-se que ela respondesse apenas as perguntas que saberia responder e, assim, foi conduzida a entrevista. É oportuno dizer que a entrevista com a professora aconteceu no momento da regência, pelo tempo ser escasso e não poder marcar outro momento.

Dessa maneira, a pergunta seguinte foi: *Como você descreve seu sentimento com a profissão que exerce?* A professora foi bastante precisa nesta resposta, respondendo da seguinte forma: “Eu sempre me senti professora, amo o magistério, nunca me senti fazendo outra coisa” (P1). Após, foi perguntado: *Qual faixa etária você se identifica melhor para ensinar? Justifique?*

Sua resposta foi com as turmas do quinto ao nono ano do ensino fundamental; no momento, a professora leciona no quinto ano e não deu justificativa, mas pelo que conversamos era melhor para ela ensinar meninos maiores, e de acordo com as observações ela ficava mais sentada, e isso para criança pequena não seria o ideal. As crianças se movimentam muito e, conseqüentemente, a professora também, mas quando ela começou a lecionar foi na educação infantil, depois anos iniciais e finais do ensino fundamental.

Pois já está na profissão a vinte dois anos. É importante ressaltar que a referida professora tem formação de nível médio em magistério que lhe dar direito de ensinar do 1º a 5º série do ensino fundamental, e em nível superior como já enfatizado licenciatura em matemática.

A pergunta seguinte foi: *Qual sua maior dificuldade em sala de aula?* A professora respondeu que na sala de aula em si, não possui muitas dificuldades, a partir da experiência adquirida. A maior dificuldade é a falta de participação da família. Sobre essa questão do acompanhamento familiar, que faz parte da comunidade externa, Piletti (1999, p. 139-140) afirma que:

Quanto à comunidade em que está localizada a escola, além dos pais dos alunos, as relações públicas abrangem associações, lideranças comunitárias, empresas etc. Nesse sentido, três aspectos importantes, entre outros, devem ser considerados. Conhecimento da comunidade, comunicação com a comunidade e prestação de serviços.

Portanto, para o professor desempenhar bem seu papel de educador, e ministrar um ensino de qualidade, precisa estar em comunicação com a família, conhecer seus alunos, e seus pais e a comunidade em seu entorno, e, se os pais se fizerem distantes da escola e do professor, como consolidar um bom trabalho?

Para tanto, a família e suas ações são indispensáveis na vida do aluno, em sua aprendizagem, e para que o professor possa desempenhar um bom papel em sua profissão. A família exerce um papel crucial na aprendizagem do aluno, seu acompanhamento desde infância, enquanto acontecem seus primeiros momentos na escola, se estendendo durante jovens e até quando adultos, motivando esses sujeitos o resultado é bastante positivo.

Em seguida, a próxima questão foi sobre: *Você percebe quando os alunos estão dispersos ou motivados em sala de aula?* A resposta da professora foi sim, mas não justificou, e nem discorreu sobre o assunto. A respeito desta questão sobre a motivação,

[...] é decisivo que tanto alunos quanto funcionários compreendam as razões pelas quais são solicitados a desenvolver suas atividades, sejam estas didáticas ou não. Só assim poderão agir como pessoas humanas, conscientes do que estão fazendo e só fazendo aquilo que acham correto. A motivação consciente, baseada no diálogo franco e aberto, é muito mais educativa e produtiva do que qualquer outro método (PILETTI, 1999, p.133-134).

Nesta questão de motivação, tanto o professor quanto o aluno deverão estar aberto a construir um ambiente motivador para a aprendizagem, pois os dois sairão ganhando, e a motivação começa pelo diálogo, em que cada sujeito expressa suas necessidades, interesses e vontades. Dando prosseguimento a entrevista, a seguinte pergunta foi: *Qual o comportamento dos alunos no decorrer das aulas aplicadas?*

Essa questão passou batida, acredito que não observou e respondeu a seguinte, mas o que foi observado é que a professora chama bastante atenção dos alunos, e isso podemos deduzir que aos olhos da mesma, eles não têm um comportamento muito bom, se movimentam muito na sala, conversam, sorriam e tudo isso tira o foco da aula. Por conseguinte, foi perguntado: *Você consegue distinguir a disciplina que eles gostam ou se identificam mais, e qual eles gostam menos?*

A professora respondeu que sim, a que eles gostam mais é matemática, pois é a sua especialidade e, portanto, percebe-se nessa fala que a mesma, tem empenho nessa disciplina por ser a que ela domina de fato, e por conta de sua formação. A que eles gostam menos não respondeu. Diante desse contexto, os alunos se sentem mais motivados nessa

disciplina, pois a professora tem mais prazer em ministrá-la e, portanto, eles aprendem com mais tranquilidade e facilidade.

Em seguida, foi questionado: *De que forma eles demonstram essa afinidade?* A professora discorreu dizendo que eles participam mais dessa disciplina, fazem com mais rapidez e corretamente as atividades aplicadas, essa é a forma que eles demonstram a afinidade com a disciplina. Posteriormente, perguntou-se: *Como você descreve a dimensão da afetividade em sala de aula?* A professora respondeu que é uma percepção através dos gestos, e ações demonstradas. Em seguida, perguntou-se: *Qual a sua compreensão sobre afetividade?*

Nas palavras da professora: “Entendo que seja uma troca de respeito mútuo. É uma conquista que tem que acontecer todos os dias” (P1). Sobre essa questão de afetividade, Wallon (1979 apud ALMEIDA; MAHONEY, 2007, p. 17) afirma que:

Refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis [...] emoções, sentimentos e paixão. Os três resultam de fatores orgânicos e sociais. [...].

Nesta citação, a autora deixa explícito que as relações humanas estão interligadas por meio de emoções e o professor e os alunos são sujeitos emocionais que estão predispostos a ser atingido por esses sentimentos em sala de aula, os quais ficam mais fluentes e ambos têm que ter conhecimento sobre, para na oportunidade saberem se posicionar o melhor possível diante das adversidades.

E, por fim, questionou-se: *De que forma você se relaciona com seus alunos e alunas?* A professora enfatizou que: “No início do ano letivo foi um pouco complicado, pois havia muita indisciplina, mas com o tempo tudo foi se ajeitando. Fui colocando a turma do meu jeito” (P1).

Diante dessas constatações acima citadas, percebe-se que o relacionamento continua de forma hierárquica, em que o professor determina o que é um comportamento adequado, e quando os alunos obedecem tudo vão bem, caso contrário, esses alunos são considerados indisciplinados. Dessa maneira,

[...] a indisciplina é um problema real tanto na sala de aula como na escola. A indisciplina implica em desobedecer às normas estabelecidas e pode expressar-se de vários modos; por exemplo: recusar-se a aprender, não respeitar as regras, manifestar condutas inadequadas, fazer barulho e brincadeiras durante a aula etc. Deve-se diferenciar violência de indisciplina, pois esta, ao contrário daquela, deve ser objeto de reflexão e da busca de soluções por parte do professor (PARRAT-DAYAN, 2016, p. 29).

Nesse contexto, diz-se que nem todo tipo de comportamento pode ser considerado indisciplina, pois os alunos podem apresentar comportamento violento que é diferente de indisciplina ou comportamento incomum, que pode não ser nem indisciplina e nem violência, mas um tipo de sentimento e emoções que precisam ser percebidos pelos professores. Pois cada aluno vem de um tipo de família, de uma comunidade e tem tipos de comportamentos diferentes, são alunos de grupos sociais diferentes e, portanto, o professor só poderá conhecer seus alunos se manter um diálogo com a família.

Sobre essa questão, Piletti (1999, p. 133) discorre sobre a questão de um diálogo franco, visto que:

[...] franco seria uma forma mais “humana” de resolver o problema. Por outro lado, sob que critérios se podem considerar uma discussão, ainda que seja com um professor, como falta grave? A discussão é exatamente o que caracteriza o ser humano, o ser pensante e social, e como tal deve ser promovida, e mesmo estimulado pelo professor.

É notório que o professor tenha certo domínio em sala de aula, pois de acordo com o observado, o comportamento dito ideal é aquele classificado pela professora, ou seja, aquele comportamento que lhe apraz, será que esse é a forma mais agradável de conseguir que alunos aprendam, ou precisa-se rever os comportamentos também do professor? Ambos precisam de comportamentos que facilitem o ensino e a aprendizagem, um respeito mútuo, uma empatia que possa conduzir os relacionamentos positivamente em sala de aula.

Precisa-se enquanto professores escutar também os alunos, estes também são pessoas, com necessidades individuais e sociais, com sentimentos e emoções, ou seja, são pessoas que precisam de motivações tanto de ordem cognitiva como de ordem afetiva, o ouvir com atenção o outro é um ponto crucial, esse ouvir é de forma perceptiva, o que o outro pensa, e precisa, ou seja, entender as inquietações do aluno é de grande valia para a aprendizagem significativa, de forma que professor e alunos construam significados em ensinar e aprender de forma mais prazerosa e efetiva na perspectiva de resolver problemáticas pessoais e sociais de maneira ética e resiliente em uma sociedade plural e diversa.

Toda organização social possui uma série de normas ou regras que permitem os sujeitos conviverem, e essas regras não são inatas, e, dessa forma:

[...] devem ser adquiridas em casa, na escola, e na sociedade em geral. Não é nenhuma novidade dizer que a sociedade pode atravessar períodos de crise. Nesses períodos, quando as formas habituais de vida e as regras que delas derivam não mais

funcionam, é que se manifestam os problemas e se torna necessário redefinir as regras para poder manter a organização (PARRAT-DAYAN, 2016, p.30).

É nessa perspectiva que o fazer do professor deve ser ressignificado, observando o que está dando certo e o que precisa ser modificado, o meu aluno será que aprendeu a contento? Ou o que precisa ser mudado? Vamos permitir a nós mesmo ter uma nova visão do que fazemos para quem fazemos e qual o objetivo do fazer. Precisa-se avançar e isso vai depender da nossa parceria, ou seja, o relacionamento entre professor e aluno com uso do diálogo, para chegar a uma comunicação que possa desencadear o ensino e aprendizagem mais positivo que traga orgulho tanto para o professor como para o aluno e consequentemente influenciará a sociedade vigente.

5.2 Conhecendo o aluno

Sobre os alunos da pesquisa que foram sorteados para responder o questionário, são sujeitos ativos, bem espontâneos e na sua maioria bem alegres e simpáticos, com exceção de alguns que se mostraram inquietos, se movimentando muito na sala, outros um pouco calados e dispersos. Alguns um tanto zangados. Porém na sua maioria eram bem tranquilos.

5.2.1 Questionário aberto aos alunos

A seguir, apresentam-se as perguntas elaboradas para os 10 alunos, com as respectivas reflexões sobre as suas respostas. Dessa maneira, a primeira pergunta foi: *Qual sentimento sua professora desperta em vocês em sala de aula? Justifique?*

Figura 1– Percepção dos sentimentos dos alunos pela professora



Fonte: Dados da entrevista, 2019.

Dos dez alunos, 80%, ou seja, 8 alunos responderam das seguintes formas: Eu gosto dela; ela é bonita; ela é bacana; ela passa alegria quando presto atenção; ela é boa, inteligente e comportada; alegre ela ensina os alunos para um futuro melhor; alegre e zangada, mas gosto dela; alegria e tristeza.

Analizando essas respostas, mais a observação em sala de aula, percebe-se que mesmo a professora sendo em alguns momentos incisiva eles a viam como agradável, com momentos alegres e tristes dependendo do momento e da situação em sala de aula, quando fala num tom mais intenso, bate na mesa, e reclama dos deveres que devem ser feitos, eles ficam tristes, porém, quando ela faz um sorriso, ministra as aulas e eles entendem e ela ajuda nas questões dando atenção a eles, nessa situação os mesmos ficam contentes, alegres, diz que ela é uma boa professora, acham-na engraçada, bacana. Eles observam que a professora quer o melhor para eles.

Nesse contexto pode-se inferir que o aluno se sente motivado, a professora sinaliza para essa situação, despertando o interesse do aluno, que mesmo com momentos tensos a professora quer passar o melhor para eles, chamando-os atenção para o que está sendo ministrado em sala sem perder o controle e também sendo um pouco firme. A motivação torna-se um ponto importante na vida do aluno na escola e fora dela, e, sobre essa motivação, alguns aspectos podem ser observados, visto que:

[...] principalmente em psicologia e didática, a motivação é um componente indispensável de qualquer programa de relações humanas. Em síntese é decisivo que tanto alunos como funcionários compreendem as razões pelas quais são solicitados a

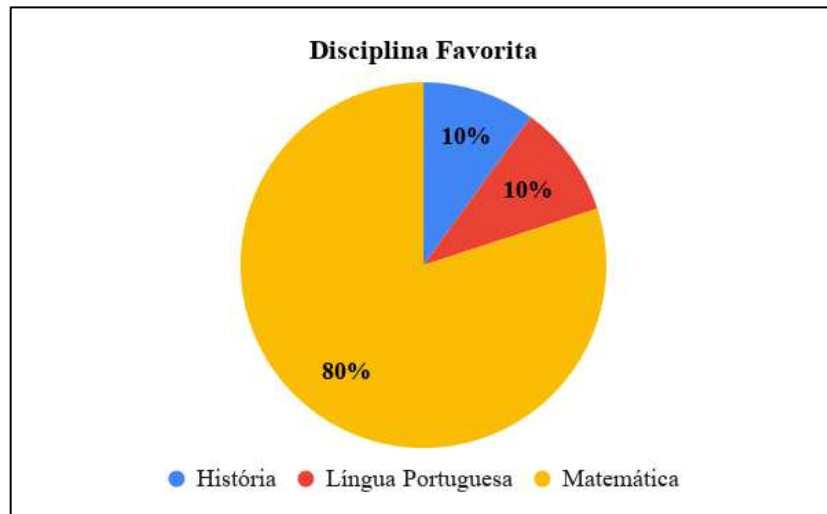
desenvolver suas atividades, sejam estas didáticas ou não. Só assim poderão agir como pessoas humanas, conscientes do que estão fazendo e só fazendo aquilo que acham correto. A motivação consciente, baseado no diálogo franco e aberto, é muito mais educativo e produtivo do que qualquer outro procedimento. A imposição de tarefas e obrigações, a serem cumpridas cegamente, sem o entendimento de cujas razões, além de deseducar, estimula a resistência e a revolta (PILLET, 1999, p.133).

Em relação a essa mesma pergunta, os 20% que responderam diferentes, ou seja, os dois alunos, disseram o seguinte que um sentia-se mal com a professora e o outro constrangido por conta da crítica da professora e o mico que passava junto aos demais alunos. Quanto a esses alunos, percebeu-se certo distanciamento entre professora e alunos, em que o comportamento dos mesmos era mal vistos, que não estavam satisfeito com os comentários da professora. Nessa perspectiva, pode-se inferir que se faz necessário um diálogo entre os mesmos e não apenas pontuar os defeitos percebidos pela professora por conta do comportamento. É necessário que haja uma comunicação melhor e sobre isso, é importante:

[...] perceber o outro de maneira adequada, sem preconceitos de nenhuma espécie, é condição indispensável para uma comunicação efetiva. E esta é, sem dúvida, a chave que permite evitar e solucionar muitos problemas ligados às relações humanas, tanto na escola quanto fora dela. Quantas vezes uma conversa franca entre um professor e um aluno contribui para desanuviar o ambiente e criar um clima de confiança e de trabalho construtivo! (PILETTI, 1999, p. 134).

O professor por ser o mediador do saber, da cultura, tendo o currículo para lhe direcionar de forma agradável, nada melhor que conhecer seus alunos, suas fragilidades e seus interesses, percebendo-os com maturidade, e de forma sensível, pois eles precisam ser vistos e acolhidos como sujeitos em desenvolvimento, que precisam se inserir na sociedade de maneira adequada e com respeito, e o professor por ser o mais experiente nesse contexto deve permitir ao aluno uma aprendizagem proveitosa e consistente.

Em seguida, foi perguntado: *Qual a disciplina que eles mais gostam ou se identificam?*

Figura 2 - Disciplina favorita

Fonte: Dados da entrevista, 2019.

A resposta teve em sua maioria a disciplina Matemática, ou seja, 80%, somando oito alunos. 10% responderam História e os outros 10% responderam Língua Portuguesa. Esta questão pode ser interpretada da seguinte forma: a professora em questão é graduada em Matemática e por conta disso é a disciplina que ela desperta no aluno mais motivação, e também é a disciplina que ela domina e, portanto, é aquela que o aluno aprende com mais facilidade, em que a maioria elegeu como a disciplina favorita.

A pergunta seguinte foi: *Se fossem vocês a professora, como se comportaria para ensinar seus alunos?* Nesta questão, que coloca o aluno no lugar do professor e com os mesmos agiriam responderam: Com alegria, seria brincalhona e amaria os alunos, legal e sincera; boa; gostaria que os alunos fossem comportados; seria boa e má; colocaria os alunos quietos; muito esforçado; mais ou menos e educada.

De acordo com as respostas dos alunos, percebeu-se que os mesmos têm como referência para a atuação como professora, um relacionamento amigável em sala de aula, um relacionamento afetuoso. As percepções dos alunos se fizeram bastante aguçadas. Sobre essa questão da percepção, Piletti (1999, p.134) afirma que “Estudos feitos na área da psicologia mostram como a percepção é importante para o relacionamento humano. As relações entre as pessoas dependem essencialmente do modo como umas percebem as outras”.

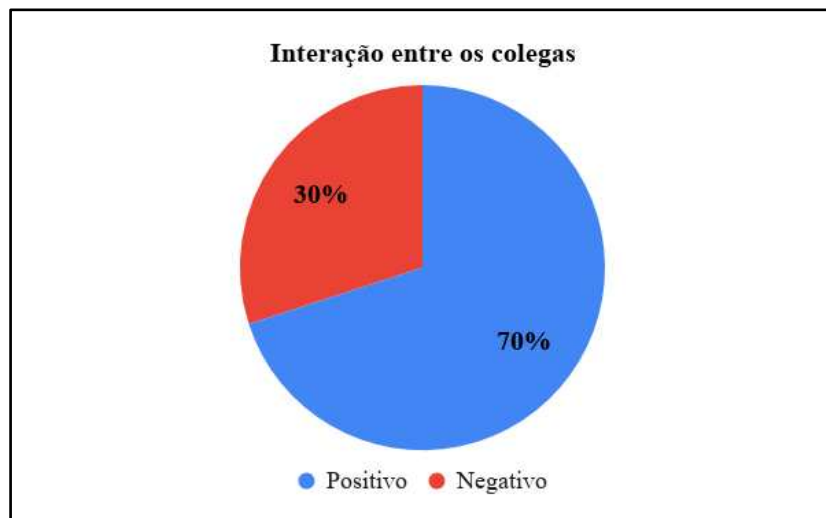
Posteriormente, foi questionado: *Você gosta mais de trabalhar em grupo ou individual?* Nesta questão, as respostas foram unânimes, 100% dos alunos preferiram trabalhar em grupo. Portanto, o aluno deveria exercer sua autonomia enquanto sujeito, para

escolher a forma melhor de trabalhar, sabendo-se que o trabalhar em grupo estreita mais os relacionamentos e favorece a colaboração e a própria autonomia e as tomadas de decisões.

Dessa maneira, para Piletti (1999, p. 122), os discentes são a razão principal de a escola existir, além da importância “[...] que seus interesses e aspirações sejam respeitadas na programação e na execução das atividades escolares. O aluno não deve ser objeto, mas o sujeito da vida escolar”.

Nessa perspectiva, concorda-se com a citação, porém o que foi vivenciado em sala de aula, foram alunos, trabalhando durante as aulas quase que todos os dias, individualmente, isso se torna enfadonho para os alunos. E colocamo-los algumas vezes em grupo e os mesmos, ficaram muito felizes, pois trocavam informações com os colegas, sorriam e isso é o que o professor deve perceber durante a aula, uma aprendizagem prazerosa. Por conseguinte, questionou-se: *Você se dar bem com seus colegas em sala de aula?*

Figura 3 - Interação entre os colegas



Fonte: Dados da entrevista, 2019.

Assim, 70% dos alunos responderam sim, porque brincam, conversam e se comunicam; 20% responderam, às vezes sim e outras não; e 10% disseram não, porque ficam zombando com ele. Aqui se entende que a maioria se dá bem, com exceção de alguns, a maioria percebe o outro com importância, sabendo que a comunicação é bastante relevante, e o ouvir o outro é de grande valia.

Sobre essa questão, Piletti (1999, p. 135) discorre que saber ouvir é um ponto importante e que todos devem estar atentos quanto a isso, “[...] principalmente os professores

e os administradores. Estes profissionais parecem ter sido treinados muito mais para falar e impor suas ideias do que para ouvir – sobretudo, os alunos têm para dizer”.

Tendo em vista o aluno continuar a ser o protagonista na ação de aprender, portanto, eles precisam ser ouvidos e entendidos em suas necessidades, e o professor, como sujeito mediador da aprendizagem, deve perceber esses alunos como sujeitos ativos. A pergunta seguinte foi: *Qual o comportamento que vocês mais gostam na professora?*

Figura 4 - Comportamento da professora que os alunos gostam



Fonte: Dados da entrevista, 2019.

Responderam da seguinte forma: Quando ela os respeita, quando não implica com os mesmos, em algumas coisas, a alegria dela, quando se mostra divertida, quando se distrai quando se mostra legal, é bonita, eu a respeito, ela explica as atividades direito, é quieta e boa.

De ante dessas respostas, com algumas distorções é dito pelos mesmos, que os comportamentos que eles apreciam nela, é exatamente da convivência saudável, a empatia que acontece em sala, portanto, é percebido que o mesmo comportamento que a professora almeja dos alunos, eles por sua vez também querem o mesmo, ou seja, comportamentos adequados durante as aulas.

E nessa perspectiva, pode-se dizer que um relacionamento agradável em sala de aula é composto pelo fenômeno afetivo tanto quanto o cognitivo, com essas atitudes de respeito mútuo, de prazer em sala de aula e a alegria, todas essas satisfações contribuem para a aprendizagem, e, a positividade que o professor recebe construindo em colaboração com o

alunado o ensino e a aprendizagem. Sobre tal aprendizagem, Campos (2011, p. 68-69) enfatiza que:

A aprendizagem apreciativa, influencia, modifica e aperfeiçoa a personalidade do educando, que se estrutura sob as bases hereditárias, em constantes interações com o meio ambiente. A aprendizagem apreciativa compreende atitudes e valores sociais, traduzidos por gostos, preferências, simpatias, costumes, crenças, hábitos e ideais de ação, que constituem os princípios mais gerais de conduta humana. Sem emoções, sentimentos, valores e ideias, a vida não teria sentido. Sem essas reações, as palavras felicidade e desgraça, prazer e dor, amor e ódio seriam inteligíveis e, com tudo seria indiferente, os fatos mais vulgares e as maiores catástrofes deixariam o homem completamente impassível.

Diante desta questão observa-se que o ser humano é um sujeito social, e precisa de uma convivência saudável com diferentes culturas, saberes históricos adquiridos ao longo da vida, na perspectiva de construir valores sociais e consequentemente perceber as diferentes maneiras de interação social, as quais vão formando a identidade tanto individual como coletiva de uma sociedade global e diversa. Posteriormente, perguntou-se: *Descreva o sentimento despertado em você em sala de aula?*

Figura 5—Percepção dos sentimentos despertados em sala de aula pelos alunos



Fonte: Dados da entrevista, 2019.

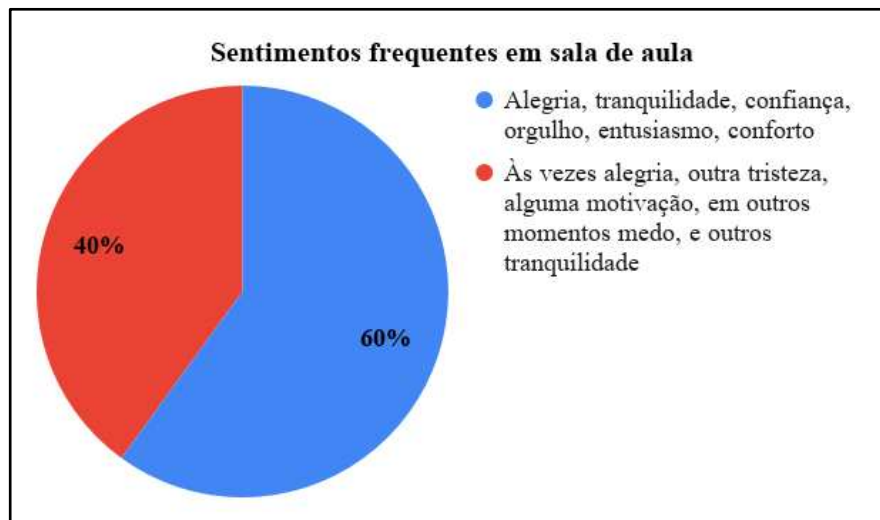
A respeito dessa pergunta eles deram as seguintes respostas: sentimentos bons, muito legais, legal, os amigos brincam com eles, mais ou menos, às vezes fica triste, sozinho, mas na maioria é alegre, um pouco bem, alegria, muito bem, esse sentimento foi despertado tanto com a professora como com os alunos, um falou que sentia alegria e medo.

A cerca das respostas dos alunos, observou-se que, trata-se de uma convivência normal, na qual são manifestados certos sentimentos do cotidiano, que faz parte da vida real, os quais acontecem em determinados momentos, por inúmeras situações que tanto aluno como professora estão na predisposição de vir acontecer.

Percebe-se que em sala de aula é o local e o momento mais oportuno dos sentimentos aflorarem, pois existem várias situações na sala de aula e na escola que ninguém está imune. Esses sentimentos são recorrentes na vida humana, como já mencionado por Campos (2011). Por conseguinte, foi questionado: *Dentre os sentimentos abaixo descritos, quais os mais frequentes em sala de aula, em relação à professora?*

- Alegria, tranquilidade, confiança, orgulho, entusiasmo, conforto;
- Vergonha, tristeza, mágoa, medo, raiva;
- Às vezes alegria, outra tristeza, alguma motivação, em outros momentos medo, e outros tranquilidade.

Figura 6 – Sentimentos frequentes em sala de aula



Fonte: Dados da entrevista, 2019.

Nesta questão, 40% dos alunos responderam que os sentimentos são mesclados, às vezes alegria, outra tristeza, alguns momentos motivação, outros medos, e em outros momentos tranquilidade e 60% responderam, alegria, tranquilidade, confiança, orgulho, conforto.

Com essas respostas dadas pelos alunos, e alunas percebe-se que a maioria está satisfeitos com a professora, de forma que seus relacionamentos são amigáveis e as situações

problemas são resolvidas a contento. Os demais que responderam sentimentos mesclados, já era esperado, pois em uma sala de aula, a relação é de acordo com o momento e com a problemática levantada. Então esses sentimentos se apresentam ora de forma positiva e em outro momento de forma negativa, é normal, pois a realidade é vivida em suas emoções reais e naturais. A aprendizagem envolve os sentimentos pessoais para construir significados, e Campos (2011, p. 125-126) enfatiza que:

O ensino deve fazer sentido para o aluno, deve ter significado pessoal, do contrário, tal aprendizagem lida apenas com o cérebro. Só se coloca do pescoço para cima. Não envolve sentimentos ou significados pessoais; não tem a mínima relevância para a pessoa como um todo. Uma aprendizagem, quando realizada de modo significativo para o estudante (envolve o seu pensar e o sentir), dificilmente será esquecida.

Dessa maneira, o aluno tem interesse no que ocorre no seu cotidiano, o que ele quer aprender é exatamente o que pode ser aplicado na sua vida e dessa forma o professor deve estar atento a comunidade entorno da escola a qual este aluno faz parte para que o que ele venha ensinar faça diferença na vida social dessa comunidade a qual ela atende. Por fim, a pergunta seguinte foi: *Em quais momentos esses sentimentos acima citados foram vivenciados? Explique?*

Figura 7 - Momentos em que os sentimentos foram despertados



Fonte: Dados da entrevista, 2019.

Alguns falaram durante a aplicação das aulas, na hora do recreio, quando a professora os colocava em grupo e isso era muito raramente. Permeando momentos agradáveis e desagradáveis que segundo os mesmos, quando ela os chamava atenção, quando reclamava deles na frente dos demais, ficavam com vergonha nesses momentos eram desagradáveis e negativos, mas, quando ela os mandava ao quadro, quando ministrava as aulas, quando eles participavam, eles ficavam alegres e contentes despertando sentimentos agradáveis e positivos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pautou-se na investigação da afetividade em sala de aula no relacionamento de professora/alunos, e qual sua relevância no ensino e aprendizagem. Levantou-se um questionamento por conta das inquietações, buscando entender o que seja essa dimensão da afetividade e até que ponto ela impulsiona a aprendizagem, e a qualidade dos relacionamentos que acontece em sala de aula entre educador e educando e se os sentimentos e emoções impulsionam ou não a aprendizagem, sabendo-se que tanto o cognitivo quanto o afetivo colaboram para o desenvolvimento do sujeito, na sua maturidade e na concretude da pessoa.

Evidenciaram-se, nesta pesquisa, pontos relevantes que vieram responder nossos questionamentos e inquietações. Cujo trabalho foi de grande importância para o conhecimento sobre a temática, e entendimento como ela se aplica na realidade de professores e alunos na relação dos mesmos, em sala de aula. Foi possível perceber que tanto o fator cognitivo como o afetivo tem ligações muito fortes e que não podem ser trabalhados separadamente.

Observaram-se alguns sentimentos e emoções dos alunos, durante as aulas aplicadas. O fato é que alunos e alunas mais alegres, satisfeitos e felizes aprendem com mais facilidade. Pode-se inferir que o trabalho de pesquisa de campo facilitou o entendimento da afetividade em sala de aula. Foram vivenciados juntos aos alunos como eles reagem com a professora na resolução de algumas problemáticas, sua movimentação na sala, durante as aulas. E logicamente, que as constatações feitas durante a pesquisa em lócus, obtiveram-se resultados positivos, respondendo a contento os questionamentos levantados.

Podem-se fazer comparações quando o aluno estava tranquilo, alegre, e satisfeito tinha certo ganho na comunicação, ou seja, pontos mais positivos em relação à aprendizagem, e quando eles estavam mais apáticos, com problemas de ordem pessoal, tristes e sem motivação, não conseguiam avançar nas atividades, se mostrando disperso e distante.

Esta pesquisa foi um momento ímpar em nossa formação acadêmica, podendo-se perceber as dificuldades de relacionamentos em sala de aula e a necessidade de se estreitar esses relacionamentos, como exemplo a falta de uma conversa ou de um diálogo mais franco; uma escuta com mais percepção; uma colaboração maior entre seus pares e entre professor e alunos; um distanciamento sem necessidade. É, portanto, muito importante que professores e alunos tenham respeito mútuo e empatia para que o ensino e aprendizagem sejam mais significativos.

O que se pode entender que o professor está sobrecarregado, um tanto insatisfeito, não por ser professor, mas por não ser valorizado em sua profissão, e alunos prejudicados não por falta de conteúdos, ou capacidades do professor, mas por ter que cumprir algo fora de suas perspectivas, que as vezes não supre as necessidades do alunado, e de sua comunidade. E, todavia, deve-se continuar evoluindo nessas pesquisas considerando aspectos tanto do professor como do aluno que possibilite uma melhor aprendizagem em que os relacionamentos estão postos e precisam ser vivenciados de forma equilibrada. É preciso estar atento ao que acontece ao entorno da vivência da escola.

Neste trabalho, buscou-se obter acréscimos substanciais para a formação pedagógica, por meio do desenvolvimento das relações interpessoais, utilizando-se de uma investigação em lócus, focando na convivência real dos sujeitos da ação, ou seja, o relacionamento entre professor e alunos em sala de aula e a qualidade dessas relações que acontecem no dia a dia, que possam de maneira positiva impulsionar o desenvolvimento do alunado e, conseqüentemente, da sociedade.

No geral, o comportamento dos alunos é satisfatório, visto que participaram bastante, fazendo perguntas e respondendo para as perguntas direcionadas a eles. No entanto, a professora, algumas vezes, não lhes atribuía a devida atenção, por conta de atender muitos ao mesmo tempo.

Esses momentos são pontuais, professora com problemas de saúde, trabalhando em mais de uma escola, sem ajuda da família dos alunos, são motivos que desencadeiam essas situações desgastantes tanto para os alunos como para o professor, o qual almeja contribuir de forma positiva e não consegue na sua integralidade e se frustra e isso reflete no aluno e conseqüentemente na comunidade escolar levando conseqüências desagradáveis a sociedade.

Nesta escola na turma do quinto ano, a qual foi feita a pesquisa, na hora de ministrar as aulas, foram feitos acordos de comportamentos em sala, ou seja, acordamos com eles que prestassem atenção nas explicações, e quando quisessem fazer alguma pergunta, ou dá algumas sugestões, que levantem a mão e que os demais prestassem atenção no colega, e eles sempre estiveram atentos, claro que uma vez ou outra teria que pedir silêncio e lembrá-los do acordo feito.

Percebeu-se nas observações durante as aulas, algumas contradições, entre as respostas dadas na entrevista com a realidade vivida pelos mesmos, ou estavam receosos em responder as questões e não ofender a professora, pensando que a mesma teria acesso as respostas. Ou já estavam conscientes do que iriam responder. O certo que observei alguns alunos muito calados, outros com uma expressão de revolta quando a professora se referia a

ele com negatividade, e outros que tinham receio em falar, para não serem chamados atenção. O relacionamento entre os alunos era bastante favorável na sua maioria e com a professora também. Alguns como já enfatizado não estavam muito à vontade.

No geral, pode-se inferir como relacionamentos na sua maioria a contento, com algumas restrições já enfatizadas, e que, na verdade, precisa-se de uma comunicação maior entre professor e aluno.

O professor também precisa ter certa sensibilidade para conquistar o respeito da família, precisa não só levar os erros dos alunos, mas também os acertos. Em uma escola existem erros e acertos praticados junto ao aluno e também ao professor. Somos seres humanos que temos certa dificuldade de mostrar os dois lados. Precisa ter determinada capacidade de demonstrar que pretendemos avançar e o erro faz parte da aprendizagem. É revendo o erro que conseguimos o acerto.

Nessa pesquisa, percebeu-se que o diálogo está ainda sendo construído, pois os dois lados deverão estar dispostos a tentar uma aproximação. Portanto, o diálogo é o caminho mais próximo para essa tomada de decisão. Esta situação pode mudar, basta que a professora tenha sensibilidade de aproximação para futuramente o relacionamento entre ambos sejam positivos, de confiança e amizade. O saber ouvir é bastante produtivo entre professor e alunos e família.

O professor deve trabalhar refletindo suas ações em sala de aula, o que é positivo e o que é negativo, será que se eu tratar o meu aluno com empatia vai trazer benefícios? É óbvio que sim. O aluno ao ser compreendido em suas diferenças e especificidades, já é um bom começo para um diálogo, para um relacionamento respeitoso e coerente. Contudo, se, invés disso, eu for controlador e arrogante, e não perceber esses alunos em suas diferenças e especificidades, estarei eu cumprindo um papel de educador? Com certeza que não, visto que se precisam rever sempre as atitudes tomadas e não cobrar somente do aluno esse comportamento respeitoso, se o professor, também, não os respeitar.

Este trabalho de conclusão de curso é o primeiro na formação inicial do pedagogo e poderá ficar em aberto para novos trabalhos, tanto de especialização como de mestrado, que venha fortalecer a temática em debate, tornando um campo de investigação de aprofundamento de conhecimentos nessa área que é bastante inovadora e necessita de mais abordagens, que possam trazer novos subsídios para a formação acadêmica. Principalmente na relação de educando /educador em lócus.

Estes momentos foram enriquecedores no que tange a formação profissional do pedagogo, a qual evidenciou e respondeu de forma satisfatória os questionamentos levantados

na pesquisa, este trabalho deixa portas abertas para o futuro... Em que professor/aluno tenham prazer no ensino e aprendizagem, em que educador e educando sejam sujeitos da práxis. Tendo em vista a grande valia que os alunos sejam percebidos em suas especificidades, sejam acolhidos com mais atenção, enquanto pedagogo não se pode expressar contentamento apenas na questão do bom comportamento e da cognição, mas para além dessas questões, o emocional, deve ser trabalhado de maneira igual, já que todas as dimensões corroboram para o desenvolvimento pleno do sujeito como já foi debatido anteriormente, possibilitando mesmas capacidades de posicionar-se diante das situações diversas da sociedade.

Dessa forma, tanto professor como aluno precisam ser respeitados, percebidos, ouvidos nos seus anseios, na perspectiva de construir valores, condutas de comportamento, maturação, domínio funcional, equilíbrio emocional e cognitivo, ou seja, equilíbrio afetivo e psicológico. Enfim, somos sujeitos dependentes uns dos outros, devemos estar atento a todas as formas que possam colaborar com o bem-estar do outro e consequentemente da sociedade global múltipla e diversa.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papirus, 1999.
- ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. MAHONEY, Abigail Alvarenga (orgs.). **Afetividade e aprendizagem**: contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. MAHONEY, Abigail Alvarenga. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psicologia da educação**, São Paulo, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752005000100002. Acesso em: 27 set. 2019.
- BARBOSA, Laura Monte Serrat. **Psicopedagogia**: um diálogo entre a psicopedagogia e a educação. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2006.
- BERRIOS, German E. A psicopatologia da afetividade: aspectos conceituais e históricos. **Revista Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v. 15, n. 5, p. 138-170, março 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-47142012000100011&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 04 out. 2019.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**: Introdução. Vol. 1. Brasília: Ministério da Educação, 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. Brasília: Ministério da Educação, 1997.
- BOGDAN, Roberto C. BIKLEN, SariKnopp. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRUST, Josiane Regina. **A influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2009. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/JOSIANE%20REGINA%20BRUST.pdf>. Acesso em: 04 out. 2019.
- CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da aprendizagem**. 39. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- COLINVAUX, Dominique. Pensador rigoroso, homem afável. In: HISTÓRIA da Pedagogia. Jean Piaget: Traços da vida e obra de um dos pensadores mais importantes do século XX. Revista Educação. 20-?.
- CONTEÚDO Programático completo. Prefeitura municipal Paço do Lumiar: apostila atualizada. 2018. *Apostila*.

FERREIRA, A. L.; ACIOLY-RÉGNIER, N. M. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. **Educar**, Curitiba, n. 36, p. 21-38, 2010. Editora UFPR. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n36/a03n36.pdf>. Acesso em: 03 out. 2019.

MATTOS, Geraldo. **Dicionário Junior da língua portuguesa**. 3. Ed. São Paulo: FTD, 2005.
PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

PEDAGOGIA no século XX. Vygotsky. Coleção Educativa, [20--?].

PIAGET, Jean. **Relações entre a afetividade e a inteligência no desenvolvimento mental da criança**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

PILETTI, Nelson. **Estrutura e funcionamento do ensino fundamental**. 25.ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

REIS, Cinthia Regina Nunes. **Metodologia da pesquisa em educação [livro eletrônico]**. São Luís: UEMAnet, 2018.

SIGNIFICADOS. **Significado de Afetividade**. 2013. Disponível em: <https://www.significados.com.br/afetividade/>. Acesso em: 05 ago. 2019.

SILVA, Nelma Albino da. **A importância da afetividade na relação professor-aluno**. 2013. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-importancia-afetividade-na-relacao-professor-aluno.htm>. Acesso em: 20 set. 2019.

TAILLE, Yves de La. **Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 2019.

TEIXEIRA, Hélio. **Teoria do Desenvolvimento Cognitivo de Lev Vygotsky**. 2015. Disponível em: <http://www.helioteixeira.org/ciencias-da-aprendizagem/teoria-do-desenvolvimento-cognitivo-de-lev-vygotsky/>. Acesso em: 27 set. 2019.

VIEIRA, Paulo. **O poder da autorresponsabilidade: a ferramenta comprovada que gera alta performance e resultados em pouco tempo**. São Paulo: Editora Gente, 2017.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE 01 – Roteiro de entrevista para a professora

- Qual o ano de fundação da escola?
- Como você se chama?
- Como você descreve seu sentimento com a profissão que exerce?
- Quantos anos você está nessa profissão, gostaria de mudar de profissão? Se a resposta for afirmativa. Justifique.
- Qual faixa etária você ministra aulas?
- Qual faixa etária você se identifica melhor para ensinar? Justifique.
- Qual sua maior dificuldade em sala de aula?
- Você percebe quando seu aluno (a) está dispersos ou motivados em sala de aula?
- Qual o comportamento dos alunos no decorrer das aulas aplicadas?
- Você consegue distinguir qual disciplina eles gostam mais e qual gosta menos? Justifique.
- De que forma eles demonstram a maior e a menor afinidade com a disciplina?
- Como você descreve a dimensão da afetividade na sala de aula?
- Qual a sua compreensão sobre afetividade?
- De que forma você se relaciona com seus alunos em sala de aula?

APÊNDICE 02 – Questionário aberto para os alunos

- Qual sentimento sua professora desperta em você em sala de aula? Justifique.
- Qual a disciplina que você mais se identifica? Por quê?
- Se fosse você a professora como se portaria para ensinar seus alunos?
- Você gosta mais de fazer trabalhos em grupo ou individual?
- Você se dá bem com seus colegas de turma? Justifique.
- Qual comportamento que você mais gosta em sua professora?
- Qual sua disciplina preferida? Por quê?
- Descreva o sentimento despertado em você em sala de aula?
Marque a resposta que melhor lhe convier:

Dentre os sentimentos abaixo descritos, quais os mais frequentes em sala de aula, em relação à professora?

- ☐ Alegria, tranquilidade, confiança, orgulho, entusiasmo conforto.
 - ☐ Vergonha, tristeza, mágoa, medo, raiva.
 - ☐ As vezes alegria, outras tristeza, algumas motivação, em outros momentos medo, e outros tranquilo
-
- Em quais momentos esses sentimentos acima citados foram vivenciados? Explique.